

UNIVERSIDADE DE LISBOA  
FACULDADE DE PSICOLOGIA



**CO-CONSTRUÇÃO INTERGERACIONAL DE VALORES:  
À PROCURA DE UM MODELO SISTÊMICO**

Ana Sofia Bilreiro Jacinto

**MESTRADO INTEGRADO EM PSICOLOGIA**  
**Secção de Psicologia Clínica e da Saúde/ Núcleo de Psicologia Clínica Sistémica**

**2010**

UNIVERSIDADE DE LISBOA  
FACULDADE DE PSICOLOGIA



**CO-CONSTRUÇÃO INTERGERACIONAL DE VALORES:  
À PROCURA DE UM MODELO SISTÉMICO**

Ana Sofia Bilreiro Jacinto

Dissertação orientada pela Professora Doutora Isabel Narciso Davide

**MESTRADO INTEGRADO EM PSICOLOGIA**

**Secção de Psicologia Clínica e da Saúde/ Núcleo de Psicologia Clínica Sistémica**

**2010**

*“Olhos abertos do navegador  
Mudam aqui a luz a sombra a cor  
E também faces e gestos se modulam  
Segundo elaboradas estranhezas  
Outro o recorte da vaga e do penedo  
Caudas de dragões seguem os barcos”*

Sophia deMello Breyner Andresen,  
*in Navegações*

À Professora Doutora Isabel Narciso Davide, pelo seu olhar, pelo conhecimento que deu e por aquele que fez procurar e reflectir, pelas suas palavras que me transportam e me espantam, pela sua imensa compreensão, disponibilidade, apoio e confiança, ao longo deste caminho;

À Dr. Ana Prioste, por me receber, pela amizade tão bonita, pelas incansáveis palavras de apoio confiança e incentivo, por me mostrar o mundo dos valores na família, por me guiar neste trabalho, e por me instigar a reflectir embrenhada no universo sistémico, pela sua dedicação enquanto co-orientadora deste trabalho;

À Dr. Rita Francisco, pelo seu sorriso sem fim e pela sua imensa ajuda neste trabalho e ao longo deste percurso;

À Professora Doutora Maria Teresa Ribeiro, por me mostrar novos caminhos das famílias e pela sua delicadeza e ajuda sempre que necessário;

Ao Professor Doutor Wolfgang Lind, por me levar para um mundo de abertura à diversidade, pelas reflexões que me acompanharam ao longo deste percurso;

Ao Professor Doutor Luís Miguel Neto, por me mostrar a importância do rigor nas palavras e na comunicação;

Às meninas da família sistémica, pelas aprendizagens que proporcionaram e pelos momentos divertidos que passámos juntas;

À Cátia, por caminharmos juntas nesta fase;

À Dr. Célia Figueira, por me ajudar a conhecer quem sou e quem quero ser;

Aos pais e filhos que colaboraram neste trabalho, cujas vozes iluminam as nossas questões;

Aos meus pais, pelo seu conforto, carinho e amizade, pela coragem e força com que vivem a vida, pela doçura das suas mãos, pelo calor dos seus olhos e pelo brilho do seu coração, que me ajudaram a crescer e a voar sempre mais além, obrigada por acreditarem sempre em mim;

Aos meus irmãos, André, Teresa e Joana, pela alegria e novidade da minha vida, pela profunda amizade e amor que nos une;

Aos meus avós, pelas suas histórias e aventuras, pelo seu sorriso e total disponibilidade;

Às minhas doces e mais querida amigas, Catarina e Sheyda, por todos os momentos de partilha e de amor;

Ao meu amor, pela sua doçura infinita, pela sua entrega, por todos os momentos de amizade, partilha, calor, pelo seu apoio e força quando não restavam mais energias, por acreditar em mim e no meu trabalho, pela felicidade quando as recompensas surgem;

Ao meu amor, por me fazer sentir em união e comunhão com a vida, por me aceitar como sou e por caminhar comigo;

Ao meu amor, minha ternura, por todo o seu amor

**Agradeço com todo o meu coração**

*Obrigada por estarem em mim*

**Resumo**

A adolescência é uma fase da vida do indivíduo caracterizada pelo desenvolvimento da identidade, em que a definição e construção dos valores dos adolescentes assume um papel relevante na coerência e consistência do *self*. Neste sentido, o presente estudo parte de uma abordagem sistémica e ecológica com o propósito de compreensão do processo de co-construção de valores, enfatizando a complexidade de relações entre as diversas variáveis envolvidas no mesmo. Com base no paradigma construcionista, esta investigação recorre a uma metodologia qualitativa de recolha de dados e análise dos dados. A amostra consiste em 21 indivíduos pertencentes a famílias nucleares intactas, incluindo 11 adolescentes e 10 pais de adolescentes. A partir da comparação da perspectiva dos filhos e dos pais foram identificadas semelhanças ao nível dos circuitos de transmissão intergeracional familiar, da relação pai-filho e dos principais valores emergentes. Relativamente às diferenças entre pais e filhos, os últimos evidenciam mais movimentos centrífugos em relação à família, atribuindo maior relevância à descontinuidade intergeracional e salientando as suas aprendizagens individuais. Considerando o carácter exploratório do estudo, as principais relações emergentes contribuem para a identificação e definição das principais variáveis a estudar em trabalhos futuros, por um lado, centrados especificamente na relação pais-filho e nas variáveis da parentalidade, e por outro lado, analisando o processo de co-construção de valores numa perspectiva mais global e abrangente.

**Palavras-chave**

Co-construção de valores, construção da identidade, famílias na adolescência, relação pais-filho

## **Abstract**

Adolescence is a life-cycle stage marked by identity development, when adolescent's values definition and construction take a relevant role on coherence and consistence of the *self*. The present study follows a systemic and ecological perspective, pointing the variables relations complexity of this process. Based on constructivist paradigm, this research follow

s a qualitative methodology to collect and analyze data. The sample consists of 21 individuals from intact nuclear families, which includes 11 adolescents and 10 parents of adolescents. By comparing the perspective of children and parents, there were identified similarities in 1) family's circuits of intergenerational transmission; 2) parent-child relationship; and 3) main emerging values. Regarding the differences between them, adolescents show more centrifugal movements, as far as family is concerned, by giving greater emphasis to the intergenerational discontinuity and highlighting their individual learning. Considering the exploratory nature of the study, the main emergent relations contribute to the identification and definition of key variables to consider in future studies. So, this research could, on the one hand, focus specifically on parent-child relationship and the parental variables, on the other hand, analyze the co-construction of values holistically and comprehensively.

## **Keywords**

Co-construction of values, identity construction, families into adolescence, parent-child relationship

## ÍNDICE

Introdução	1
1. Enquadramento teórico	2
1.1. Uma abordagem ecossistémica	2
1.2. Valores e Co-construção de valores na família	3
1.3. Variáveis que influenciam o processo de transmissão de valores	6
1.3.1. <i>Cronossistema</i> – Duas linhas temporais que se intersectam	6
1.3.1.1. <i>Crono-Microsistema</i> – Complexidade relacional entre indivíduos e contextos relacionais proximais	6
1.3.1.1.1. Características individuais	6
1.3.1.1.2. Interacção Familiar	8
1.3.1.2. <i>Crono-Macrossistema</i> – A influência de contextos distais	11
2. Processo Metodológico	13
2.1. Enquadramento Metodológico	13
2.2. Desenho da Investigação	14
2.2.1. Questão Inicial	14
2.2.2. Mapa Conceptual	14
2.2.3. Objectivos	16
2.2.4. Questões de investigação	16
2.3. Estratégia Metodológica	17
2.3.1. Selecção da Amostra	17
2.3.2. Procedimento de Recolha de Dados	18
2.3.3. Instrumentos Utilizados	19
2.3.4. Caracterização da amostra	20
2.3.5. Análise dos Dados	20

3. Apresentação de resultados e discussão	21
3.1. Análise exploratória inicial	22
3.2. Análise das significações gerais acerca dos valores	22
3.2.1. Análise da conceptualização de valores	22
3.2.2. Análise relacional da caracterização da mudança social de valores	23
3.3. Análise do processo de co-construção de valores: Continuidades e descontinuidades do processo	25
3.3.1. Análise relacional dos padrões intergeracionais e valores emergentes	25
3.3.2. Análise relacional dos padrões intergeracionais e circuitos familiares de interacção	27
3.3.3. Análise relacional dos padrões intergeracionais e relação pai-filho	30
3.3.4. Análise relacional da caracterização da relação pai-filho	34
3.3.5. Análise relacional padrões intergeracionais e aprendizagens individuais	37
3.3.6. Análise relacional da caracterização de fontes e fases de co-construção	39
Conclusão	42
Implicações clínicas	48
Limitações do estudo	48
Estudos futuros	49
Referências	51
<b>Índice de Figuras</b>	14
<i>Figura 1.</i> Quadro de referência conceptual do estudo empírico	

## **Índice de Apêndices**

*Apêndice I* – Guião de *focus group* para pais

*Apêndice II* – Guião de *focus group* para adolescentes

*Apêndice III* – Caracterização detalhada da amostra - Pais \*

*Apêndice IV* – Caracterização detalhada da amostra – Filhos adolescentes \*

*Apêndice V* – Esquema representativo das categorias gerais \*

*Apêndice VI* – Esquema representativo da árvore da categoria valores emergentes \*

*Apêndice VII* – Esquema representativo da árvore da categoria significações gerais \*

*Apêndice VIII* – Esquema representativo da árvore da categoria processo de co-construção de valores \*

*Apêndice IX* – Esquema representativo da árvore da categoria processo de transmissão familiar \*

*Apêndice X* – Resumo das codificações \*

*Apêndice XI* – Gráficos que explicitam relações entre as variáveis emergentes

*Apêndice XII* – Mapa de Valores - Pais

*Apêndice XII* – Mapa de Valores - Filhos

## **Índice de Anexos**

*Anexo A* – Questionário sócio-demográfico

*Anexo B* – Questionário Sobre os Valores Pessoais

---

\* Apêndices exportados a partir do software NVivo 8.

## Introdução

O presente estudo enquadra-se no âmbito da Psicologia da Família<sup>1</sup>, alicerçando-se numa perspectiva ecossistémica, que considera a mudança e o desenvolvimento do indivíduo e dos sistemas em função de uma teia complexa e interactiva de factores de diferentes níveis sistémicos (Bronfenbrenner, 1979). As mudanças na sociedade são um fenómeno complexo, dadas as constantes interações entre os indivíduos, os grupos e a sociedade. Em várias circunstâncias ouvimos expressões como “*os valores da sociedade já não são os mesmos*”, “*no meu tempo não era assim*” ou, ainda, “*os jovens de hoje em dia não têm valores*”. Partindo destas observações e da noção de que as mudanças sócio-culturais afectam as funções e a estrutura familiar (Kagitçibasi, 1996; Kwak, 2003), muitas interrogações se colocam relativamente ao processo de co-construção de valores, nomeadamente no que se refere ao processo de transmissão intergeracional na família.

O estudo da co-construção de valores, segundo uma abordagem sistémica e contextual, implica desafios teóricos e metodológicos que o investigador deve ter em consideração. Por um lado, é necessário reconhecer que existem múltiplos factores de socialização para além da família, o que está fortemente associado às descontinuidades existentes entre as gerações familiares. Por outro lado, é fundamental reconhecer que as influências entre os membros da família são fluidas e permeáveis entre si, o que indica que o processo de transmissão de valores ocorre de pais para filhos e de filhos para pais (Tadros, 2009).

Este estudo representa uma abordagem possível no estudo da co-construção de valores, pretendendo contribuir para o desenvolvimento neste campo do saber a partir de um paradigma teórico construcionista e uma metodologia qualitativa (Guba & Lincoln, 2000). A dissertação compreende 1) a revisão e reflexão sobre os principais estudos e temáticas; 2) a fundamentação e descrição do processo metodológico do estudo empírico realizado; 3) a apresentação e discussão dos resultados; 4) as reflexões e conclusões finais sobre o trabalho desenvolvido, as suas limitações e possíveis estudos que permitirão dar continuidade à investigação nesta temática.

---

<sup>1</sup> O presente estudo enquadra-se no âmbito de doutoramento de Ana Prioste, que visa estudar a transmissão intergeracional de dimensões relacionais e de valores na família nuclear. Este projecto de investigação decorre no Programa Inter-universitário de Doutoramento em Psicologia em Psicologia Clínica – Psicologia da Família e Intervenção Familiar - entre a Faculdade de Psicologia da Universidade de Lisboa e a Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação da Universidade de Coimbra, sendo orientado pela Prof. Doutora Isabel Narciso e pelo Prof. Doutor Miguel Gonçalves.

## 1. Enquadramento Teórico

*“Além do mais, percebemos que tudo o que tem uma realidade para nós é, de certa maneira, sistema. Sistema, o átomo; sistema, as moléculas; sistema, a sociedade; sistema, o homem. Portanto, sistemas, subsistemas e polissistemas. Assim, o objecto da ciência se transforma: não é mais algo isolado. O objecto da ciência é o sistema.”*  
(Edgar Morin, 1999)

### 1.1. Uma abordagem ecossistémica

A totalidade sistémica e a circularidade são conceitos que caracterizam o processo de co-construção de valores. Ao considerar a criança ou jovem no seu contexto familiar, em interacção com os subsistemas da família, com os grupos externos à mesma e a interacção da família com estes, é possível compreender que a aquisição e co-construção de valores é um processo complexo que envolve as partes, o todo e as relações circulares que estes estabelecem entre si (Alarcão, 2002).

Neste sentido, o desenvolvimento é promovido pelas relações interpessoais que os indivíduos estabelecem entre si e com o ambiente percebido, isto é, os vários contextos e sistemas com que estes interagem directa ou indirectamente. Assim, no seu modelo ecológico, Bronfenbrenner (1979) salienta diferentes níveis sistémicos que actuam de forma interactiva e influenciam o desenvolvimento e o comportamento humano: *microsistema*, *mesossistema*, *exossistema*, *macrossistema* e *cronossistema* (Bronfenbrenner, 1979). Para a compreensão do processo de co-construção intergeracional de valores, destacam-se, como sendo os níveis ecológicos mais relevantes: o *cronossistema*, que expressa a influência das mudanças temporais individuais, familiares e da sociedade; o *microsistema*, que inclui as características dos indivíduos e os contextos próximos em que interagem; e o *macrossistema*, que inclui as normas e valores culturais. À luz desta teoria, o processo de co-construção intergeracional de valores adquire uma dimensão de complexidade de relações circulares que se estabelecem entre o jovem e a família e os contextos que os envolvem, salientando a importância de diferentes níveis, agentes e factores.

Apesar da família ser um subsistema da sociedade altamente diferenciado, não é independente da mesma, ou seja, para além de exercerem a sua função parental, os pais desempenham diversos papéis nas estruturas sociais. Esta é uma condição básica para a eficácia da função socializadora da, na e com a família (Parsons, 1955). Na sua função

de socialização primária, principalmente durante a infância, a família está centrada na tarefa interna de promoção do desenvolvimento e autonomia das suas crianças. A partir da pré-adolescência, aumenta o contacto da criança com a comunidade exterior à família, o que implica, necessariamente, a promoção da socialização por outras fontes e agentes, já que o principal objectivo da socialização secundária é apoiar os filhos na sua adaptação à sociedade. As duas tarefas de socialização não se excluem mutuamente, são complementares e contribuem para uma trajectória adaptativa da criança ou jovem (Alarcão, 2002).

A adolescência, enquanto fase crucial na adaptação do indivíduo à sociedade, é caracterizada pela construção da identidade. Nesta, o adolescente precisa de aceitar ou refutar as identificações individuais da sua infância, ao longo de um processo gradual denominado *moratória psicossocial*. Simultaneamente, procura reconhecer-se como uma pessoa em que se pode confiar, sendo íntegro e coerente na sua construção e definição de continuidades e descontinuidades geracionais (Erikson, 1982). Deste modo, a adolescência é uma fase importante no processo de co-construção de valores individuais, em que a riqueza e diversidade dos mesmos resulta da intensa interacção entre família e sociedade.

## **1.2. Valores e Co-construção de Valores na Família**

Na adolescência, enquanto fase de construção da identidade, os valores assumem um papel importante para definir a posição do jovem na sociedade. A nível individual, os valores consistem em representações sociais internalizadas ou crenças morais, a que os indivíduos recorrem como racional para as suas acções. Assim, funcionam como códigos ou princípios gerais que guiam a acção, constituindo um mecanismo de auto-regulação do comportamento individual em função dos grupos e sistemas em que o indivíduo está inserido, representando o que é esperado, exigido e proibido para cada um, em determinada sociedade com as suas normas específicas (Grusec, Goodnow & Kuczynski, 2000).

Os valores divergem numa perspectiva transversal, encontrando-se valores diferentes em diversas sociedades; e numa perspectiva temporal, pois mudam ao longo do tempo. Consequentemente, também as famílias se caracterizam por diferentes valores que guiam os comportamentos dos indivíduos nas sucessivas gerações familiares (Kwak, 2003), pelo que permite levantar questões sobre os processos e as variáveis subjacentes às continuidades e descontinuidades de valores nas famílias.

A continuidade de valores entre gerações, vista como transmissão intergeracional de pais para filhos, pode ser considerada como um processo eficaz de internalização, associado à eficácia da parentalidade. Neste, a geração mais recente assume os valores e atitudes da sociedade como seus, de forma que os comportamentos socialmente aceitáveis emergem a partir de motivações intrínsecas e não a partir da antecipação de consequências externas. Este processo decorre em dois passos: o primeiro que envolve a percepção (fiel ou distorcida) do ponto de vista dos pais; e o segundo, que implica a aceitação dessa mesma posição (Grusec & Goodnow, 1994). Esta abordagem salienta a importância das práticas educativas dos pais para a aquisição de valores na família.

No entanto, a continuidade geracional de valores não se deve apenas aos comportamentos educativos intencionais dos pais. Esta ocorre através de dois processos distintos - socialização e inculturação -, em que o indivíduo internaliza os valores dos seus grupos, identificando-se com os mesmos (Hynie, Lalonde & Lee, 2006). Tanto a socialização, enquanto instrução intencional de normas e valores, como a inculturação, enquanto aquisição indirecta dos mesmos através da exposição e observação da cultura da sociedade, são adquiridas na família, na escola, em grupos de pares e outros grupos culturais. Estes dois processos estão frequentemente relacionados entre si e, como tal, reforçam-se mutuamente, facilitando a transmissão intergeracional de valores (Schönpflug, 2001). Com base nesta perspectiva, destaca-se o carácter mais complexo e diversificado das formas de comunicação de valores nas diversas interacções do indivíduo.

A partir do estudo de Phalet e Schönpflug (2001), centrado nas diferenças culturais entre a família nuclear e a sociedade, a transmissão de valores é estruturada em três direcções: 1) transmissão vertical, entre gerações na família ou na sociedade; 2) transmissão horizontal que se refere à influência exercida pelos pares dos elementos da família; e 3) transmissão oblíqua<sup>2</sup>, definida pela influência da geração anterior à dos filhos, que não os pais (por exemplo, avós, pares dos avós, pares dos pais). No caso da cultura da família ser muito diferente da cultura da sociedade maioritária, a manutenção

---

<sup>2</sup> Neste sentido, é clara a pertinência de alargar o estudo da co-construção intergeracional de valores à geração dos avós, já que, com o aumento da esperança média de vida, o contacto entre estes e os netos aumenta. Os valores dos avós afectam a geração mais nova directa e, indirectamente, na forma como exerceram a sua parentalidade. Através das histórias contadas pelos avós, é possível perceber que o seu papel na socialização quotidiana dos netos é marcada pela diminuição de responsabilidade na sua educação, recorrendo a formas e conteúdos de comunicação diferentes dos usados pelos pais (Pratt, Norris, Hebblethwaite, Arnold, 2008), o que sugere uma grande abrangência nas formas de transmissão familiar dos valores, ao longo das três gerações.

e continuidade dos valores depende, principalmente, da transmissão vertical que ocorre na família, salientando a sua relevância na construção da identidade (Phalet & Schönplflug, 2001; Tadros, 2009). As variáveis mediadoras da transmissão de valores estão, ainda, organizadas segundo dois níveis de influência. No nível macro, mais distal, destacam-se: o processo de aculturação entre diferentes culturas, o estatuto educacional e profissional dos pais, as oportunidades educacionais dos filhos e o género. Estas variáveis influenciam indirectamente as variáveis do nível micro, mais proximal, que engloba, essencialmente, os valores dos pais, que, por sua vez, influenciam os valores dos filhos directa e indirectamente, através dos objectivos parentais, enquanto meios de transmissão e práticas de socialização (Phalet & Schönplflug, 2001). Esta abordagem permite compreender a complexidade da relação entre as diferentes fontes e níveis de influência, no processo de co-construção intergeracional de valores.

A abordagem bidireccional da transmissão intergeracional (Pinquart e Silbereisen, 2004) enfatiza, ainda, no processo de co-construção de valores, três dimensões que se influenciam entre si (Bengston, Bilblarz & Roberts, 2002; Zentner & Renaud, 2007): (1) o estatuto sócio-económico da família<sup>3</sup> que situa o jovem num contexto específico, condicionando as suas oportunidades de desenvolvimento, e influencia os objectivos de socialização dos pais; (2) os comportamentos dos pais, com ênfase na aprendizagem social<sup>4</sup>, que constituem um meio de comunicação directa e indirecta com os filhos; e (3) a qualidade emocional da relação pai-filho, que influencia directa e indirectamente o desenvolvimento e as competências sociais dos filhos (Bengston, Bilblarz & Roberts, 2002).

As semelhanças e correspondências de valores entre pais e filhos têm sido estudadas a partir de diversas abordagens e com ênfase em diferentes variáveis, o que culmina na falta de consenso e homogeneidade teóricos relativamente aos conceitos de transmissão e continuidade intergeracional. Com o intuito de conciliar as diferentes perspectivas, a presente investigação considera que as semelhanças de valores entre pais e filhos mostram a continuidade intergeracional, que resulta de um processo complexo de co-construção de valores, em que a transmissão geracional na família explica parte das continuidades e descontinuidades observadas.

---

<sup>3</sup> Para melhor compreensão, ver no capítulo 1.3.1.1.1. *Características individuais*.

<sup>4</sup> Para melhor compreensão, ver no capítulo 1.3.1.1.2. *Interação Familiar*.

### **1.3. Variáveis que influenciam o processo de transmissão de valores**

#### **1.3.1. Cronossistema – Duas linhas temporais que se intersectam**

Como temos vindo a referir, as competências e condições necessárias para a co-construção de valores desenvolvem-se, ao longo do tempo, numa interacção mútua entre a criança ou jovem e os micro e macro ambientes (Bengston, Biblarz, Roberts, 2002). Assim, a co-construção intergeracional de valores ocorre em duas linhas temporais distintas, que se intersectam nas suas sequências de acontecimentos. Por um lado, destaca-se a nível micro-social, a biografia individual e familiar, respeitante às fases de desenvolvimento ontogénico dos elementos da família e da fase do ciclo vital em que esta se encontra. Por outro lado, a nível macro-social, salienta-se a história da sociedade com acontecimentos culturais e sócio-económicos globais (Bengston, Biblarz, Roberts, 2002). Deste modo, e tendo como grelha conceptual o modelo ecológico de Bronfenbrenner (1979), salientamos a relevância da relação do *cronossistema* com o *microssistema* e com o *macrossistema*, sugerindo-se, assim, dois *cronossistemas* distintos que interagem entre si, para explicar a continuidade e descontinuidade dos valores entre pais e filhos.

A interacção entre ambas as dimensões temporais é explícita quando determinado acontecimento da sociedade, por ser mais saliente, despoleta o interesse dos indivíduos e aumenta a interacção e discussão em redor do mesmo. Isto sugere que a fase de desenvolvimento individual em que os indivíduos se encontram, associado ao desenrolar de acontecimentos da sociedade, influencia directa e indirectamente a co-construção intergeracional de valores na família (Pinquart & Silbereisen, 2004). Da mesma forma, ao longo de gerações, as mudanças sócio-culturais afectam as funções da família e a estrutura familiar, alterando a importância atribuída a determinados valores, bem como as formas de transmissão (e.g. Kagitçibasi, 1996), contribuindo, conseqüentemente, para as descontinuidades geracionais.

#### **1.3.1.1. Crono-Microssistema – Complexidade relacional entre indivíduos e contextos relacionais proximais**

##### **1.3.1.1.1. Características individuais**

Na co-construção de valores, parte-se da premissa de avaliação, compreensão e aceitação de uma mensagem ou situação. Relativamente aos filhos, a adolescência é

caracterizada por grandes mudanças cognitivas – primazia da argumentação racional e da escolha pessoal, bem como a relativização e questionamento das normas sociais, morais e regras absolutas – associadas à necessidade de maior responsabilidade, independência e liberdade. A construção da identidade e da autonomia, em que o jovem busca o sentido do Eu e procura a sua posição na sociedade é acompanhada pelo intenso contacto e influência de outras fontes e agentes de socialização, principalmente os pares e os meios de comunicação (Steinberg & Silk, 2002).

Partindo das características dos pais, salienta-se o estatuto socio-económico, que engloba as habilitações académicas e a ocupação profissional dos pais, na co-construção de valores, enquanto variável que influencia os valores parentais e, conseqüentemente, a socialização dos filhos (Bengston, Bilblarz & Roberts, 2002; Kohn, Slomczynski, & Schoenbach, 1986). Analisando as duas dimensões desta variável, as habilitações académicas explicam mais a continuidade de valores entre pais e filhos que a profissão dos pais. Quando é comparado com variáveis relacionais familiares, o estatuto socio-económico perde o seu peso relativo na explicação das continuidades e descontinuidades. No entanto, Yi, Chang e Chang (2004) consideram que os valores dos pais são a variável que explica melhor as correspondências de valores educativos entre pais e filhos.

No mesmo sentido, e partindo do pressuposto que valores e *self* ideal correspondem, ambos, a representações de estados desejáveis pelo indivíduo, torna-se mais claro o processo de co-construção de valores na família. O estudo de Zentner e Renaud (2007), centrado no *self* ideal dos adolescentes, aponta para que *self* ideal dos pais, e, conseqüentemente os seus valores, sejam transpostos para os objectivos e ideais que têm para os seus filhos; e, por sua vez, os filhos, através de um processo de assimilação, compreenderão e aceitarão a mensagem que os pais transmitem. Pinquart e Silbereisen (2004) acrescentam que a relevância e importância pessoal do conteúdo do valor são importantes na continuidade dos valores: quanto mais importância pessoal tiver um valor, menor é a probabilidade de outra pessoa influenciar a mudança do mesmo, pois diminui o espaço pessoal de negociação.

A consistência dos valores dos pais e o género dos elementos da família também são apontados como características que influenciam a transmissão intergeracional, embora as relações entre estas variáveis não sejam claras, como é realçado no estudo de Pinquart e Silbereisen (2004). Relativamente ao género, enquanto variável que influencia o processo de co-construção, o estudo de Zentner e Renaud (2007) mostra

que as raparigas têm maior tendência a ter aspirações e valores semelhantes aos dos pais, e os valores da mãe estão mais próximos do *self* ideal dos filhos, do que os do pai.

#### **1.3.1.1.2. Interação Familiar**

##### **Relação de Casal – Tarefas conjugais**

A relação conjugal assume um papel fundamental na continuidade da adaptação individual, da qualidade da conjugalidade e da relação pais-filhos, já que se verifica uma tendência para repetir os padrões interiorizados na relação de casal aos quais a criança ou jovem foi exposto (Cowan & Cowan, 2009). Para além das tarefas parentais, também cabe aos elementos do casal concretizar novas tarefas desenvolvimentais conjugais e individuais, reajustar objectivos, interações comunicacionais e comportamentos, de acordo com a nova fase da vida (Steinberg & Silk, 2002; Alarcão, 2002). Assim, os esquemas e comportamentos de vinculação na idade adulta influenciam a qualidade das relações conjugais e familiares, influenciando directa e indirectamente o desenvolvimento e adaptação da criança (Cowan & Cowan, 2009). Desta forma, a continuidade de padrões relacionais está associada ao processo de co-construção de valores, exercendo uma influência indirecta nas aprendizagens individuais dos adolescentes, através das experiências e vivências.

##### **Relação Parental – Parentalidade positiva**

Do ponto de vista do ciclo vital da família, a adolescência corresponde à fase considerada como a mais longa e difícil da parentalidade, dada a necessidade permanente de equilíbrio entre as exigências individuais e do sistema (Alarcão, 2002). Uma das principais tarefas desenvolvimentais parentais consiste em respeitar os sentimentos, valores, atitudes e comportamentos dos adolescentes, com coerência e sinceridade. Implica, assim, como desafio parental, o reconhecimento das novas capacidades dos filhos, em que num processo gradual se estabelecem novos papéis relacionais familiares (Steinberg & Silk, 2002; Alarcão, 2002).

A realização eficaz destes desafios está associada à parentalidade construtiva e ao estilo parental autoritativo, que promove o ajustamento e a adaptação positiva das crianças e jovens à sociedade. Este é caracterizado pelo equilíbrio ideal entre o afecto e as exigências, já que os pais conciliam níveis elevados de controlo e incentivo positivo da autonomia e independência, com elevados níveis de responsividade, carinho e

receptividade às mensagens das crianças. Desta forma, é promovido o desenvolvimento individual e social das crianças, que adquirem níveis elevados de responsabilidade social e de independência (Baumrind, 1971). Também na parentalidade positiva, os pais, mais eficazmente, protegem as crianças e os adolescentes contra os efeitos de eventos stressantes, promovem a auto-regulação e previnem dificuldades e problemas de externalização e internalização (Kerr, Capaldi, Pears & Owen, 2009). Deste modo, o estilo parental autoritativo está associado a maior semelhança e correspondência de valores entre pais e filhos, comparativamente com famílias com um estilo menos autoritativo (Taris, Semin & Bok, 1998).

A circularidade do processo de co-construção de valores é influenciada também pela influência das competências académicas e sociais dos filhos, sugerindo que a parentalidade construtiva tem também continuidade ao longo das gerações, através da promoção de competências desenvolvimentais positivas nos jovens, que tornam o jovem mais activo e adequado no seu processo de co-construção de valores (Conger, Belsky, Capaldi, 2009). As práticas parentais tendem, assim, a ser repetidas quando os filhos desempenham, posteriormente, o papel parental, havendo semelhança nas formas de comunicação e de transmissão familiar no processo de co-construção de valores entre gerações, isto é, contribuindo para as continuidades geracionais dos valores a dois níveis complementares (Campbell & Gilmore, 2007).

Com base em diversos estudos, foi possível concluir que a flexibilidade e a adaptação das práticas parentais a uma circunstância específica, na relação entre pais e filhos, são mais relevantes para promover a transmissão de valores que os estilos e as práticas parentais em si (ver Grusec & Goodnow, 1994). Note-se, no entanto, que existem diferentes variáveis mediadoras no processo de transmissão intergeracional familiar de acordo com as práticas parentais usadas, o que permite distinguir diferentes processos de co-construção de valores para parentalidade positiva e parentalidade negativa (ver Conger, Belsky, Capaldi, 2009).

### **Formas de transmissão familiar**

A transmissão familiar de valores, enquanto internalização, é o resultado de uma parentalidade eficaz, em que as práticas parentais são uma forma privilegiada de transmitir valores (Grusec & Goodnow, 1994). No caso de comportamentos parentais intencionais, para que a mensagem transmitida seja compreendida, é necessário que esta seja clara, consistente, apelativa e relevante. Numa fase posterior, para que a mensagem

seja aceite pelas crianças ou jovens, os pais precisam de fazer compreender a mensagem como apropriada, o que exige sensibilidade e adaptação às necessidades e capacidades da criança (Grusec & Goodnow, 1994).

No entanto, também há co-construção de valores através da aprendizagem social, permitindo aos jovens apreender os valores dos pais e definir as suas prioridades e importância atribuída. A partir da observação das interações e comportamentos, modelagem, imitação, reforço e punição, a aprendizagem social explica, assim, a aquisição de formas de funcionamento pessoal e social e a tendência para repetir o que é aprendido com os pais (Bandura 1969), isto é, contribui para a continuidade intergeracional de valores entre pais e filhos. Ainda, de acordo com a hipótese da busca selectiva, a criança tem tendência para procurar reforço, facilitando a sua aprendizagem e adaptação social, o que leva a mais semelhanças comportamentais entre pais e filhos. Neste sentido, as práticas parentais podem ser consideradas como variáveis mediadoras directas e causais da regularidade entre gerações, isto é, a principal forma de transmissão de valores na família (Patterson, 1998).

### **Clima relacional familiar**

A partir da perspectiva da parentalidade, quando a relação entre pais e filhos é caracterizada por abertura e afecto, há maior probabilidade de haver continuidade de valores entre gerações. O carinho, protecção e responsividade mútua contribuem para a transmissão de valores, pois promovem a proximidade relacional e o afecto. Deste modo, numa relação com qualidade emocional, as crianças ficam mais atentas ao comportamento dos pais e aumenta a sua capacidade de compreender e aceitar os valores dos pais (Taris, Semin & Bok, 1998; Grusec, Goodnow & Kuczynski, 2000).

Importa, ainda, salientar que o envolvimento na parentalidade e na socialização dos filhos é uma variável relevante na co-construção intergeracional de valores. Os indivíduos com maior nível de generatividade<sup>5</sup> estão mais envolvidos na transmissão de valores para os filhos, usando as narrativas de histórias pessoais. Desta forma, a generatividade tende a estar associada a uma parentalidade autoritativa, positiva e eficaz, e prediz maiores níveis de afecto nas crianças (Pratt, Norris, Hebblethwaite, Arnold, 2008; Peterson, 2006).

---

<sup>5</sup> Para uma leitura e enquadramento mais aprofundados do conceito de *generatividade*, vide a teoria de Erickson (1963 cit. por Peterson, 2006).

A transmissão de normas e valores é facilitada quando a relação pais-filhos é percebida com elevada qualidade, já que há uma maior flexibilidade na negociação dos desacordos entre os elementos da família e são menos frequentes os assuntos de conflito entre pais e filhos (Taris, Semin & Bok, 1998). A identificação com os pais e o desejo de os agradar facilitam, também, a continuidade de valores entre pais e filhos (ver Grusec & Goodnow, 1994).

Assim, uma relação caracterizada por elevados níveis de suporte emocional, vinculação segura, boa qualidade da comunicação e respeito mútuo estão associadas à continuidade de valores entre pais e filhos (Bengston, Bilblarz & Roberts, 2002). Em oposição, associado à parentalidade autoritária, a afirmação de poder, por parte dos pais, é prejudicial na socialização das crianças, pois desperta nelas hostilidade e raiva, sendo, também, acompanhada de oposição e falta de vontade para aceder aos desejos dos pais, e dificultando, desta forma, a transmissão de valores. Usando uma abordagem positiva, a conversa e o debate sobre os comportamentos negativos da criança promovem a sua capacidade de compreensão, promovendo comportamentos socialmente adaptados e facilitando a transmissão das crenças dos pais para os filhos (Hoffman, 1970 cit. por Grusec & Goodnow, 1994).

A relação de suporte entre pais e filhos, na discussão e abertura para diferentes opiniões, a partilha de ideias, assim como a compreensão e respeito mútuo facilitam a continuidade intergeracional de valores (Taris, Semin & Bok, 1998).

Concluindo, a adequação das práticas de disciplina à idade, a consistência das mesmas, a monitorização eficaz, assim como o afecto e envolvimento e suporte parental, proporcionam um desenvolvimento positivo (Kerr, Capaldi, Pears & Owen, 2009).

#### **1.3.1.2. *Crono-Macrossistema* – A influência de contextos distais**

As descontinuidades de valores entre gerações da mesma família estão associadas à identificação dos indivíduos com os valores da sociedade. Enquanto os jovens têm mais tendência para se identificar com a cultura da sociedade na actualidade; as gerações mais antigas tendem a identificar-se, principalmente, com os valores e normas da cultura de origem - associada, frequentemente, a valores mais tradicionais -, o que poderá levar a uma maior dificuldade de adaptação e ao aumento dos conflitos. A percepção de oposição entre valores da família e valores da sociedade, leva, assim, os indivíduos a uma necessidade de escolha, pois o posicionamento numa das partes é

visto como mutuamente exclusivo (Kwak, 2003). Contudo, estas discontinuidades intergeracionais não acontecem para todos os comportamentos, já que a pressão para a mudança é inicialmente experienciada nos comportamentos da esfera pública, por exemplo, os comportamentos associados à escola ou às ocupações profissionais (Kwak, 2003). Isto sugere que a exposição dos comportamentos, associada à pressão social, é uma variável que influencia a transmissão de valores intergeracionais.

Os valores globais de uma cultura, como o colectivismo e o individualismo, são valores de funcionamento na sociedade, que, por si só, promovem a interdependência e independência<sup>6</sup> em relação ao grupo de maior pertença, neste caso, a família. Especificamente, há maior facilidade na transmissão dos valores colectivistas de pais para filhos, já que estes aumentam a motivação para os filhos se conformarem e agirem em função do grupo, sendo, assim, valores que se reforçam a si próprios, promovendo a continuidade intergeracional familiar (Phalet e Schönplflug, 2001; Schönplflug, 2001).

Relativamente ao peso da família e da cultura no processo de co-construção de valores em famílias, cujos valores familiares são muito díspares dos valores culturais, o aloctrismo familiar (coesão familiar) é mais forte que os valores específicos da cultura. Isto sugere que a co-construção de valores ocorre no sentido de permitir a continuidade aos valores familiares específicos e não aos valores culturais. No confronto entre os valores da cultura de origem e da cultura da sociedade maioritária, os indivíduos recorrem aos valores internalizados na família, percebendo-os como valores familiares específicos e não como valores da sua cultura de origem. Desta forma, é possível compreender que a percepção da fonte da mensagem tem um grande peso para a transmissão intergeracional de valores (Hynie, Lalonde & Lee, 2006), embora a influência do agente de socialização dependa do conteúdo do valor que está a ser transmitido (Pinquart e Silbereisen, 2004).

Ao longo da sua vida, nas interações com a família, com os amigos e com a sociedade envolvente, os indivíduos estão embrenhados numa imensidão de valores, coincidentes, contrastantes, complementares, reais e ideais. Assim, na construção da sua identidade, os adolescentes são desafiados a quebrar barreiras e agarrar as oportunidades de desenvolvimento do seu Eu. Dá-se o momento em que, com criatividade, abertura e respeito à sua idiosincrasia, cada pessoa começa a recriar, a contar a sua própria estória, entretecida entre os contos da família e os contos da cultura, e a revelar para o

---

<sup>6</sup> Ou como dizia o Professor Pina Prata, a interdependência (Narciso, I., comunicação em aulas).

exterior a eloquente relação entre os sistemas que o influenciam e pelos quais é influenciado, num percurso sempre por desvendar.

## **2. Processo Metodológico**

### **2.1. Enquadramento Metodológico**

Considerando o objecto de estudo da presente investigação, optou-se pela utilização do paradigma construcionista, enquanto sistema de crenças associadas ao processo científico. Neste, as fronteiras entre a posição ontológica e epistemológica esbatem-se, estando saliente um carácter relativista, em que a realidade é mutável em função do conhecimento, da experiência e da sofisticação de expressão dos indivíduos. Trata-se de um paradigma marcado pela subjectividade e interacção entre o investigador e os participantes, considerando-os como fontes interactivas de conhecimento, ao longo do processo de investigação. A nível metodológico, existe o recurso à hermenêutica, análise e interpretação dos dados em função de conceitos teóricos, e à dialéctica, em que as construções individuais são privilegiadamente elicítadas, através das interacções sociais entre os participantes e o investigador (Guba & Lincoln, 2000).

Neste sentido, o propósito desta investigação consiste na compreensão da complexidade do mundo das experiências vivenciadas pelos indivíduos, a partir da perspectiva dos mesmos. Considera-se que a realidade vivida pelos indivíduos e os significados que estes atribuem às situações específicas sobre determinado objecto de investigação (neste caso, a co-construção de valores e o processo de transmissão intergeracional na família) podem ser construídos por actores sociais, indivíduos activos (Schwandt, 2000).

Os conceitos subjacentes ao paradigma construtivista estão associados à metodologia qualitativa, que melhor se adapta a este paradigma (Guba & Lincoln, 1989). Nesta metodologia, a diversidade de resultados que emergem (e.g. pontos de vista, acções) devem-se às diferentes perspectivas dos sujeitos e aos seus contextos sociais. A possibilidade de ajustamento e adaptação dos métodos de investigação à complexidade e especificidade do objecto de estudo, permite estudar esta diversidade sem perder riqueza ou complexidade de informação (Flick, 2005).

A metodologia qualitativa envolve uma interacção contínua entre a recolha dos dados, fundamentando-se em guias que são vistos como um conjunto de princípios e práticas flexíveis, ou seja, não são prescrições ou receitas pré-concebidas e impostas

(Charmaz, 2006). A sua interpretação e análise teórica e possibilita a construção de hipóteses e teorias a partir dos dados recolhidos (Strauss & Corbin, 2000).

Assim, a compreensão inerente ao tema desta investigação é consonante com a complexidade do processo de uma análise qualitativa. A partir da Teoria Geral dos Sistemas (von Bertalanffy, 1968, citado por Alarcão, 2002), que salienta a circularidade, totalidade e complexidade presente nas relações entre indivíduos e sistemas, são construídos e entrelaçados os fios condutores dos processos psicológicos que motivam o presente estudo. Desta forma, é possível reconhecer que o paradigma construcionista e a abordagem metodológica qualitativa são mais coerentes quando se pretende uma compreensão profunda e relevante dos processos intergeracionais nas famílias, na co-construção de valores, dado que se privilegia as perspectivas dos participantes da investigação.

## **2.2.Desenho da Investigação<sup>7</sup>**

### **2.2.1. Questão Inicial**

A família assume um papel privilegiado no processo de co-construção de valores, em que pais e filhos são agentes activos na transmissão familiar dos valores (Pinquart e Silbereisen, 2004), pelo que este projecto parte das seguintes questões:

*Como se processa a transmissão familiar de valores? Que conceptualização e significações de valores por pais e filhos? Que valores são mais salientes e importantes para pais e filhos e a que contextos e fontes de co-construção estão associados?*

### **2.2.2. Mapa Conceptual**

As questões de investigação iniciais envolvem a relação entre os conceitos abordados no enquadramento teórico. Neste sentido, surge a necessidade de tornar claras as relações entre as diversas variáveis intervenientes na compreensão do processo de co-construção de valores através da representação gráfica das mesmas (ver Clarke, 2005).

---

<sup>7</sup> O presente estudo, como já se referiu, enquadra-se no âmbito de doutoramento de Ana Prioste, que visa estudar a transmissão intergeracional de dimensões relacionais e de valores na família nuclear. Este projecto de investigação decorre no Programa Inter-universitário de Doutoramento em Psicologia em Psicologia Clínica – Psicologia da Família e Intervenção Familiar - entre a Faculdade de Psicologia da Universidade de Lisboa e a Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação da Universidade de Coimbra, sendo orientado pela Prof. Doutora Isabel Narciso e pelo Prof. Doutor. Miguel Gonçalves.

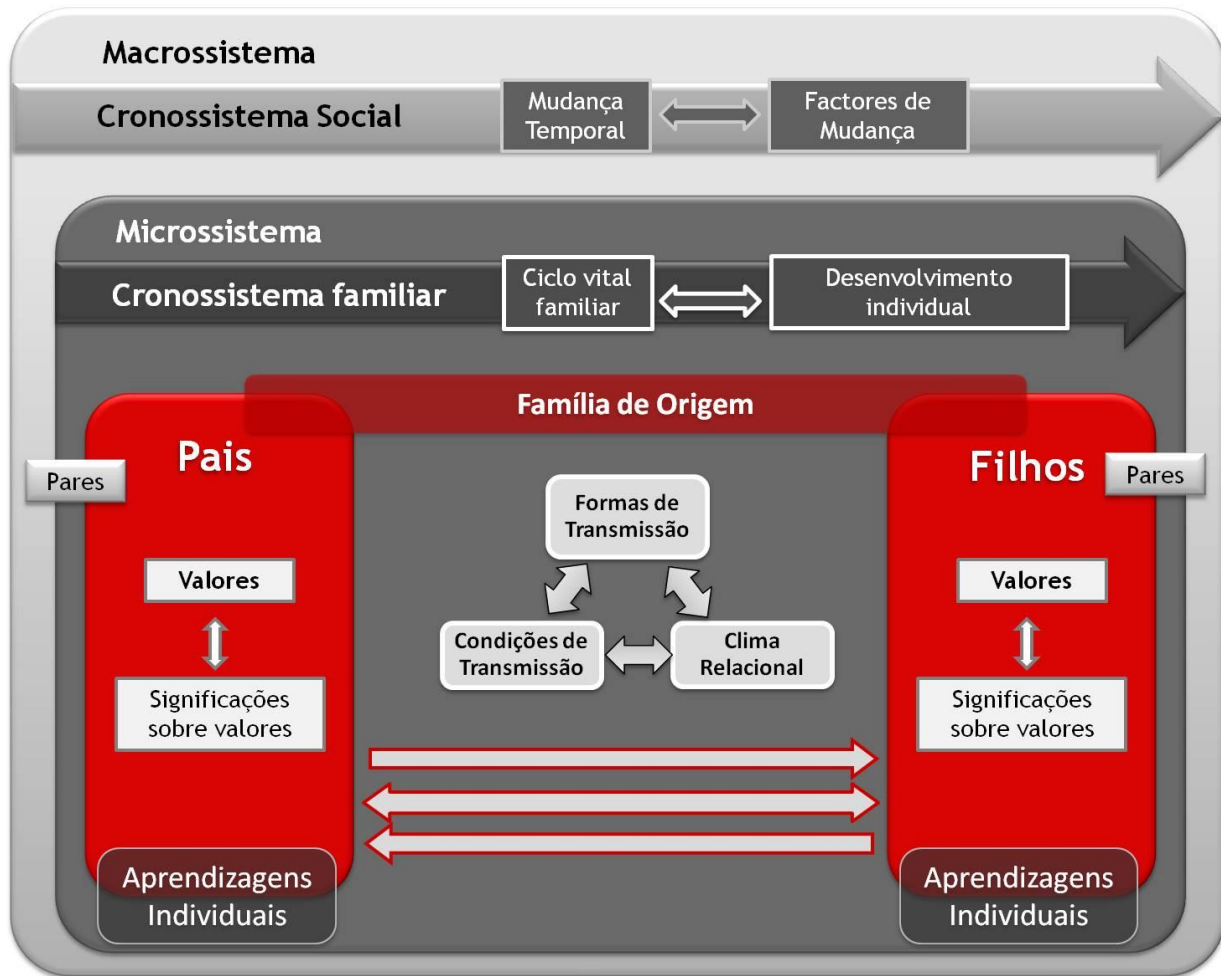


Figura 1. Proposta da relação entre as variáveis envolvidas no processo de co-construção intergeracional de valores.

À luz do modelo ecológico proposto por Bronfenbrenner (1979), destacam-se dois grandes contextos de análise, o *macrossistema* e o *microsistema*, sendo que o *mesossistema* e o *exossistema* não são relevantes para este estudo. A distinção entre os dois sistemas é acompanhada por dois *cronossistemas* paralelos: as mudanças temporais que ocorrem na sociedade, e o desenvolvimento ontológico dos indivíduos e da família, respectivamente. Os circuitos de transmissão familiar de valores entre pais e filhos estão associados às formas de transmissão, ao clima relacional e às condições em que ocorre a transmissão de valores. As aprendizagens individuais, as vivências proporcionadas pela família de origem e pelos pares são variáveis que influenciam os elementos familiares, bem como a comunicação e relação que estabelecem entre si.

### **2.2.3. Objectivos**

Com base nas questões iniciais, esta investigação tem como objectivo geral compreender o processo complexo da co-construção intergeracional de valores nas perspectivas dos elementos intervenientes nesse processo, as famílias. Pretende, também, contribuir para o desenvolvimento do estudo da transmissão familiar de valores, enfatizando o carácter construcionista e qualitativo, a partir da análise das vozes de pais e filhos adolescentes, num contexto de investigação exploratória, com base numa perspectiva sistémica e ecológica.

### **2.2.4. Questões de investigação**

O planeamento do presente estudo desenvolve-se com base no quadro conceptual, figura 1, permitindo a especificação das seguintes questões de investigação:

- Quais são as semelhanças e diferenças na conceptualização de valores percebida por filhos e pais?
- Quais são as principais semelhanças e diferenças entre pais e filhos na caracterização da mudança social e temporal de valores, percebida no processo de co-construção de valores relativamente aos valores emergentes?
- Quais são as semelhanças e diferenças de valores percebidos por filhos e por pais, em função dos padrões familiares intergeracionais?
- Quais são as principais semelhanças e diferenças entre pais e filhos na definição dos circuitos familiares de interacção percebidos no processo de co-construção de valores, em função dos padrões familiares intergeracionais?
- Quais são as semelhanças e diferenças entre pais e filhos na identificação das principais características percebidas da relação pai-filho associadas à continuidade e descontinuidade dos padrões familiares intergeracionais?
- Quais são as principais semelhanças e diferenças entre pais e filhos na caracterização da relação pai-filho percebida no processo de co-construção de valores, considerando a interacção entre as diferentes dimensões parentais (formas de transmissão, clima relacional, circunstâncias de transmissão)?
- Quais são as principais semelhanças e diferenças entre pais e filhos na identificação das aprendizagens individuais percebidas no processo de co-construção de valores, em função em função dos padrões familiares intergeracionais?

- Quais são as principais semelhanças e diferenças entre pais e filhos na caracterização da relação percebida entre os valores emergentes, as fontes e as fases associadas ao processo de co-construção de valores?

## **2.3. Estratégia Metodológica**

### **2.3.1. Selecção da Amostra**

A selecção da amostra baseia-se na amostragem teórica, a estratégia mais ajustada à metodologia qualitativa (Flick, 2005; Glaser & Strauss, 2009). De acordo com a finalidade de construção de novas ideias, acerca do processo de co-construção de valores, a selecção da amostra segue o critério de relevância dos casos, isto é, o grau em que são esperadas novas ideias dos participantes, sobre o tema em estudo (Flick, 2005; Glaser & Strauss, 2009). Os critérios teóricos representados nas questões iniciais guiam a escolha dos grupos e indivíduos: vivência da parentalidade e adolescência, interacção familiar e interacção desta com a família de origem/alargada e com os contextos externos à família.

Em função do tema em estudo, destaca-se a relevância da selecção de casos significativos que preenchem os critérios de “bom informante”<sup>8</sup> (Morse, 2000). Assim, a amostra relevante para esta investigação consiste em elementos de famílias com filhos adolescentes, sendo organizada em dois subgrupos de sujeitos-chave, pais de adolescentes e adolescentes com idades entre os 16 e os 19 anos. A amostra do estudo também foi seleccionada segundo a estratégia de conveniência (Patton, 1990). No seguimento das decisões metodológicas, destaca-se, ainda, como critério de selecção de amostra, a procura de profundidade acerca do tema, na sua estrutura e complexidade. Deste modo, são reconhecidas as experiências singulares que permitem recolher informação com grande riqueza e especificidade, em detrimento da abrangência superficial de diferentes vivências (Flick, 2005).

---

<sup>8</sup> De acordo com Morse (2000), existem critérios universais de “bom informante”, que permitem seleccionar os casos significativos na selecção primária: 1) conhecimentos e experiência necessários sobre o assunto ou objecto em estudo; 2) capacidade de reflexão e articulação; 3) tempo para ser interrogado; e por fim, 4) disposição para participar no estudo. (Denzin & Lincoln, 2000).

### 2.3.2. Procedimento de Recolha de Dados

Prosseguiu-se a recolha dos dados ao longo do processo de selecção da amostra. De acordo com o processo de selecção gradual, a estrutura da amostra não foi definida à partida com base em características demográficas abstractas, mas com base em critérios teóricos (Flick, 2005; Strauss & Corbin, 2008). Numa fase inicial, foram realizados 2 *focus group* a pais de adolescentes e posteriormente foram realizados 2 *focus group* a filhos adolescentes, ambos os subgrupos de famílias nucleares intactas. Dado que esta investigação decorre num contexto de doutoramento, foram também realizados 2 *focus group* a pais com filhos adolescentes e 2 *focus group* a adolescentes, ambos os subgrupos de famílias nucleares monoparentais. Os *focus group* foram realizados em dois concelhos da Área Metropolitana de Lisboa por critério de conveniência e pela disponibilidade dos participantes. Durante o *focus group*, é pedido aos sujeitos que preencham o mapa de valores<sup>9</sup> e no final, os mesmos são convidados a preencher o questionário sócio-demográfico. A recolha gradual dos dados permite, então, acrescentar novas peças ou mesmo construir novos *puzzles*, permitindo seguir os conceitos que emergem ao longo do processo de investigação e refinar a informação obtida (Charmaz, 2006; Strauss & Corbin, 2008).

Considerando o contexto de doutoramento sobre a transmissão intergeracional familiar numa perspectiva sistémica, em que a investigação está inserida, os participantes, após participarem no *focus group*, aceitaram preencher um protocolo com diversos instrumentos que permitem compreender este processo em diversas áreas da vida dos indivíduos e da família.

Todos os participantes colaboraram na investigação voluntariamente, com a salvaguarda de confidencialidade e anonimato dos dados fornecidos, consentindo a recolha de informação através de gravação áudio.

---

<sup>9</sup> O mapa de valores constitui uma representação gráfica dos principais valores que guiam os comportamentos e atitudes do indivíduo em três níveis de importância para o próprio e em função de 4 grandes áreas de fontes de co-construção de valores. Este é formado por três círculos concêntricos sobrepostos e com diâmetro crescente a partir do centro. O nível de importância é menor no círculo exterior, que representa os valores menos importantes para o indivíduo, sendo que a importância e valorização atribuída a estes vai crescendo no círculo intermédio e é máxima no círculo central e menor. Os três círculos estão divididos em 4 quadrantes que representam as diferentes fontes de co-construção de valores: pais, avós, sociais e pessoais. Depois de serem abordadas as questões de introdução, o mapa de valores foi introduzido no *focus group*, contribuindo para o debate de ideias como questão de transição para as perguntas-chave apresentadas posteriormente. Para ter acesso ao mapa de pais e filhos, ver *Apêndice XII e XIII, respectivamente*.

### 2.3.3. Instrumentos Utilizados

#### *Focus group*

O método usado para a recolha dos dados foi o *focus group*, que se centra na interacção grupal como fonte de informação e no papel activo do investigador enquanto promotor da discussão de ideias (Morgan, 1996). A interacção entre os indivíduos facilita a comunicação e a expressão de ideias e atitudes, através das próprias palavras. Esta permite que os indivíduos questionem e comentem, entre si, as diversas opiniões apresentadas, através de formas de comunicação mais próximas do quotidiano. Deste modo, é construído o contexto para que os indivíduos elaborem as suas ideias, levantem as questões mais relevantes para si e re-avaliem a sua compreensão das próprias experiências, em função da opinião do grupo (Kitzinger, 1995).

As entrevistas de *focus group* podem ter um estilo mais ou menos directivo e ter questões mais ou menos estruturadas, de acordo com os objectivos da investigação (Morgan, 1996). Assim, a construção da entrevista *focus group*, para este estudo, seguiu uma estrutura semi-directiva com questões abertas que, simultaneamente, deixam claro o objectivo do investigador e promovem a emergência das significações específicas e experiências subjectivas dos participantes. Apesar do guião utilizado<sup>10</sup> seguir uma sequência padronizada das questões, este serviu apenas como apoio ao investigador, dando liberdade ao moderador para gerir a introdução de questões e comentários (Flick, 2005; Krueger, 1998).

#### **Questionário sócio-demográfico**

O questionário sócio-demográfico<sup>11</sup> pretende recolher informação complementar que permita contextualizar a informação recolhida no *focus group*, de forma a conhecer características da amostra específicas e relevantes para a interpretação dos resultados, através do cruzamento de informação. As questões estão organizadas em três blocos temáticos: 1) dados pessoais; 2) dados familiares; e 3) questões de avaliação acerca da satisfação com o clima relacional familiar na infância e actualmente.

---

<sup>10</sup> Para ter acesso aos guiões utilizados, para pais e para adolescentes, ver o *Apêndice I e II*, respectivamente. Considerando que os resultados obtidos emergem no debate e partilha de ideias, que têm como base o guião de entrevista, o conhecimento das questões usadas permite uma melhor compreensão e contextualização dos resultados obtidos.

<sup>11</sup> O questionário sócio-demográfico foi construído no âmbito do doutoramento de Ana Prioste. Ver o questionário no *Anexo A*.

### 2.3.4. Caracterização da amostra

A amostra é constituída por 21 indivíduos, divididos em dois grupos: 11 adolescentes, com idades compreendidas entre os 15 e os 19 anos de idade; e 10 pais de adolescentes, com idades compreendidas entre os 43 e os 55 anos de idade. No grupo dos adolescentes, 2 são do sexo masculino e 9 são do sexo feminino; e no grupo dos pais, 4 são do sexo masculino e 6 são do sexo feminino. No grupo dos adolescentes, 7 participantes têm 10 a 12 anos de escolaridade e 4 participantes têm frequência universitária; no grupo dos pais, 1 participante tem 7 a 9 anos de escolaridade, 3 participantes têm 10 a 12 anos de escolaridade, 2 participantes têm frequência universitária, e 4 participantes têm ensino superior completo. Todos os participantes pertencem a famílias nucleares intactas<sup>12</sup>.

### 2.3.5. Análise dos Dados

Depois de recolhidos os dados, procedeu-se à construção das categorias e à codificação das unidades de análise. O processo de codificação realizou-se através do software Nvivo 8.

As três categorias superiores (valores emergentes, significações gerais e processo de co-construção de valores) foram construídas de modo a corresponderem às três questões iniciais da investigação. As subcategorias da categoria valores emergentes consistiram, numa primeira fase, nos valores que emergiam no discurso dos participantes, partindo da correspondência com os valores enunciados no Questionário Sobre os Valores Pessoais<sup>13</sup> (S. H. Schwartz, 1987; tradução e adaptação: I. Menezes & B. Campos, 1989)<sup>14</sup>. Numa fase posterior, devido ao elevado número de subcategorias de valores emergentes, estas foram agrupadas de acordo as dimensões que emergiram no estudo de Duarte (2010)<sup>15</sup>, de modo a evitar a dispersão dos resultados.

As subcategorias da categoria significações gerais e da categoria processo de co-construção de valores foram construídas a partir da interação entre os objectivos

---

<sup>12</sup> Para uma caracterização específica do grupo de pais e de adolescentes, ver o *Apêndice III e IV*, respectivamente. A caracterização específica de cada grupo permite compreender e contextualizar mais aprofundadamente os resultados emergentes.

<sup>13</sup> Para aceder aos itens do Questionário Sobre os Valores Pessoais, ver o *Anexo B*.

<sup>14</sup> A recriação deste instrumento decorre no contexto de investigação mais alargado de A. Prioste. Questionário Sobre os Valores Pessoais (S. H. Schwartz, 1987; tradução e adaptação: I. Menezes & B. Campos, 1989; recriação: A. Prioste, I. Narciso, & M. Gonçalves, 2010).

<sup>15</sup> O estudo de Joana Duarte (2010) está, também, enquadrado no âmbito do doutoramento de Ana Prioste. Neste estudo foram identificadas as seguintes dimensões: *Relacional; Tradicionalismo; Aventura; Poder Social; Equilíbrio Pessoal; Realização Pessoal; Preocupação Social; Espiritualidade*.

específicos, as bases teóricas da investigação, as questões do guião de entrevista e as percepções dos participantes. As subcategorias destas categorias foram emergindo ao longo do processo de recolha de dados, através das experiências, opiniões e conhecimentos narrados pelos participantes, de acordo com os pressupostos da *Grounded Theory* (Strauss & Corbin, 2008). Assim, a árvore de categorias final<sup>16</sup> consiste no resultado de um processo contínuo de construção e reconstrução da mesma, de acordo com a necessidade de adaptação aos dados<sup>17</sup>. Ao longo do processo de codificação as categorias foram sendo preenchidas com as unidades de análise presentes no discurso dos indivíduos. Para ter conhecer as relações entre as variáveis emergentes, foram realizadas associações entre as mesmas, a partir de uma matriz de resultados, que permite aceder ao número de referências simultaneamente codificadas em nas diversas subcategorias analisadas, bem como ao conteúdo das mesmas. No seguimento da análise, para tornar os resultados obtidos mais salientes, alguns destes foram convertidos em percentagens que reflectem o peso relativo de uma subcategoria dentro categoria principal ou na relação com a outra categoria principal em estudo, presente na matriz. Numa fase final, as matrizes obtidas nas diferentes associações entre variáveis foram convertidas em gráficos, de modo a tornar mais saliente as relações mais relevantes para os indivíduos.

### 3. Apresentação de resultados e discussão

Na procura de um modelo sistémico que saliente as variáveis mais influentes e a relação entre elas, faz sentido fazer a análise dos resultados em função dos padrões intergeracionais, que se dividem em continuidade intergeracional, semelhanças entre pais e filhos, e descontinuidade intergeracional, diferenças entre pais e filhos. A relação destas categorias com as restantes variáveis emergentes permite compreender quais são os aspectos e dimensões do processo de co-construção de valores que os pais e filhos consideram estar mais associados às semelhanças e diferenças entre as gerações. Para além desta análise, é relevante aprofundar e especificar, em algumas dimensões, como as variáveis se relacionam entre si, de forma a caracterizar de modo mais completo, este processo.

---

<sup>16</sup> Para ver a árvore de categorias, ver o *Apêndices V, VI, VII, VIII e IX*. Por motivos de legibilidade, a árvore de categorias foi dividida em diversos esquemas.

<sup>17</sup> Para ter acesso à operacionalização das categorias ver o *Apêndice X*.

### 3.1. Análise exploratória inicial

A partir da análise da figura 2<sup>18</sup>, é possível comparar pais e filhos relativamente às principais categorias associadas à continuidade e descontinuidade intergeracional, o que permite conduzir a análise dos resultados de forma mais específica e relevante, em função do questionamento dos dados. Desta forma, salientam-se as semelhanças e diferenças entre pais e filhos, de acordo com a relevância da relação entre os padrões familiares e as outras dimensões.

### 3.2. Análise das significações gerais acerca dos valores

#### 3.2.1. Análise da conceptualização de valores

- Quais são as semelhanças e diferenças na conceptualização de valores percebida por filhos e pais?

**Conceptualização x Parentesco (Pais e Filhos)** – Comparando o grupo dos filhos e o dos pais, relativamente à sua conceptualização de valores, destaca-se que os filhos vêem os valores enquanto expressão comportamental (25,3%), princípios-guia fundamentais (24,1%), princípios-guia úteis (22,8%) e educação (21,5%). Os pais também associam fortemente estes conceitos, no entanto a sua relevância varia: princípios-guia fundamentais (28,2%), princípios-guia úteis (25,6%), educação (20,1%) e expressão comportamental (15,7%)<sup>19</sup>.

*“Eu acho que mais importante que valores é pô-los em prática, porque só pondo em prática aquilo que nós aprendemos, os valores ... Só depois com a prática do nosso dia-a-dia e com a aplicação desses valores na nossa vida é que podemos perceber se eles fazem sentido ou não” (L, filha)*

*“Acho que quando se fala da educação, não só a educação cívica que estamos a falar, mas também a educação escolar, é importante. (...) mas é importante ir o mais possível e o melhor que se consiga.” (R, pai)*

---

<sup>18</sup> Para visualizar o gráfico que expressa a relação entre as variáveis, ver o Apêndice XI, figura 2.

<sup>19</sup> Para visualizar o gráfico que expressa a relação entre as variáveis, ver o Apêndice XI, figura 3.

A forma como pais e filhos conceptualizam os valores é abrangente, pois estabelecem relações relevantes com as diversas categorias, o que nos permite compreender que os valores estão presentes em diversas situações da vida dos indivíduos e que, desta forma, são usados e referidos com diferentes níveis de abstracção. Assim, pais e filhos têm conceptualizações semelhantes dos valores, apesar da relevância atribuída especificamente a cada categoria ser ligeiramente diferente. Nota-se, ainda, que tanto os pais como os filhos fazem uma associação importante com a educação, o que aponta para a importância das práticas parentais e da relação pai-filho para o processo de co-construção de valores e para a transmissão das práticas educativas para a geração seguinte (e.g. Campbell & Gilmore, 2007).

### 3.2.2. Análise relacional da caracterização da mudança social de valores

- Quais são as principais semelhanças e diferenças entre pais e filhos na caracterização da mudança social e temporal de valores, percebida no processo de co-construção de valores relativamente aos valores emergentes?

**Mudança x Factores de mudança** – Os filhos referem de forma muito saliente a mudança na hierarquia e importância dos valores (76,2%), que está associada à distância intergeracional (50%) e à adaptação (37,5%), enquanto principais factores que influenciam esta mudança. No grupo dos pais também se destaca a mudança na hierarquia e importância dos valores (46%) como sendo a principal mudança referida na relação com os factores de mudança. Tal como nos filhos, os principais factores associados a esta mudança são a adaptação (43,5%) e a distância intergeracional (39,1%). Também emergem com algum relevo, a mudança nas formas de transmissão (16%), a estabilidade dos valores centrais (14%) e o aparecimento de novos valores (12%)<sup>20</sup>.

**Mudança x Valores emergentes** – A principal mudança referida pelos filhos dá-se ao nível da hierarquia e importância dos valores (64,6%), considerando a mesma como a principal mudança associada às seguintes categorias de valores: equilíbrio pessoal (70%), tradicionalismo (64,3%), poder social (58,3%) e relacional (55,6%). No grupo dos pais, as mudanças que emergem com maior relevância são a mudança na hierarquia

---

<sup>20</sup> Para visualizar o gráfico que expressa a relação entre as variáveis, ver o *Apêndice XI, figura 4*.

e importância dos valores (41,5%) e a mudança nas formas de transmissão (26,6%). Nesta relação, os valores que mais emergem são os valores relacionais (44,7%), sendo que a principal mudança associada a estes valores é a mudança na hierarquia (45,2%)<sup>21</sup>.

**Factores de mudança x Valores emergentes** – A associação que os filhos fazem entre os factores de mudança e os valores emergentes não é muito saliente nem informativa. No entanto, é possível destacar que nesta relação, os valores do tradicionalismo são os que mais emergem (38,1%), e que os principais factores de mudança associados ao mesmo são a distância intergeracional (42,9%) e a adaptação (28,6%). No entanto, na perspectiva dos pais, os valores que mais emergem na relação com os factores de mudança são os relacionais (40%), o que diverge da perspectiva dos filhos. Por outro lado, salientam-se semelhanças com os filhos, uma vez que os principais factores de mudança associados aos valores relacionais são a adaptação (36,4%) e a distância intergeracional (31,2%)<sup>22</sup>.

*“Eu acho que é aquela questão da hierarquia dos valores. Acho que os valores, de um modo geral, costumam ser os mesmos porque partilhamos a mesma cultura, mas acho que estão hierarquizados de formas diferentes. Acho que, enquanto antigamente, havia mais..., era dada mais importância à entre-ajuda agora valorizamos mais a independência e autonomia – que também eram valorizadas noutra altura, mas eram menos importantes.” (S, filha)*

*“É isso... é relativo, depende da era em que estamos. Mas, por exemplo, muitas pessoas acham que não ter valores pode ser mal educado e tudo mais, porque antigamente, pronto, as pessoas, a meu ver, eram mais educadinhas...” (J, filha)*

*“Então, é um bocado complicado manter esse valor do respeito. E eu penso que esta geração está a ser muito afectada por isso, por esse valor, por ser cada um por si...” (A, filho)*

*“Parece-me que, se calhar, os valores estão a evoluir. (...) se calhar, existem novos valores, de acordo com as novas gerações.” (R, pai)*

---

<sup>21</sup> Para visualizar o gráfico que expressa a relação entre as variáveis, ver o Apêndice XI, figura 5.

<sup>22</sup> Para visualizar o gráfico que expressa a relação entre as variáveis, ver o Apêndice XI, figura 6.

*“Julgo que sim, que existem, mas adaptados a realidades diferentes, não é? Sei lá, uma geração anterior ou dos nossos pais, o modo ou a maneira de estar e a vida era diferente, não é? Acho que sim, alguns mantêm-se; alguns dos valores como, sei lá, a justiça é sempre justiça, a honestidade é sempre honestidade...” (R, pai)*

Estes resultados mostram que tanto os pais, como os filhos, consideram que a principal mudança temporal e social dos valores se dá ao nível da sua importância relativa, isto é, a sua posição na hierarquia, sendo que os principais factores associados a esta mudança são a adaptação à situação actual. Tal, sugere que a hierarquia de valores pessoais e culturais variam no sentido de estarem adaptados às mudanças da sociedade. Também a distância intergeracional surge como factor de mudança, que ao não considerar um carácter activo no processo de mudança, parte do pressuposto que a mudança de valores é inerente às mudanças da sociedade. Neste sentido, a mudança e adaptação surgem como conceitos centrais, já que as características da sociedade influenciam os contextos de aprendizagem da criança e jovem de forma directa e indirecta, através dos valores culturais. Assim, os valores fundamentais, bem como a aprendizagem que ocorre nos diversos contextos da criança, são adaptados às características socio-demográficas, ao mesmo tempo que influenciam indirectamente as próprias características socio-demográficas. A adaptação dos pais é essencial para criar um ambiente de aprendizagem que promova o desenvolvimento socialmente adaptado da criança e ou jovem (Greenfield, 2009). Isto vem reforçar a ideia de que a família tem um papel fundamental para o desenvolvimento das suas crianças e da comunidade ou sociedade em que vivem.

### **3.3. Análise do processo de co-construção de valores: Continuidades e descontinuidades do processo**

#### **3.3.1. Análise relacional dos padrões intergeracionais e valores emergentes**

- Quais são as semelhanças e diferenças de valores emergentes percebidos por filhos e por pais, em função dos padrões familiares intergeracionais?

**Padrões intergeracionais x Valores emergentes** – Nota-se que são referidas mais associações entre os valores emergentes e os padrões intergeracionais a partir do ponto de vista dos filhos, do que dos pais. Nesta relação, os valores mais salientes são os

valores relacionais, tanto para filhos (35,7%) como para pais (46,4%), e o equilíbrio pessoal, para os filhos (27,1%) e para os pais (26,8%). Analisando os padrões familiares em relação com os valores, verifica-se semelhança entre gerações, pois há maior referência à continuidade, segundo os filhos (62,9%) e segundo os pais (76,8%), do que à descontinuidade. Especificando a análise, os valores relacionais estão mais associados à continuidade do que à descontinuidade, pelo grupo dos filhos (72%) e pelo grupo dos pais (73,1%). No entanto, os valores de equilíbrio pessoal estão mais associados à continuidade segundo os pais (80%), mas estão mais associados à descontinuidade, segundo os filhos (57,9%). Ainda se salienta que apesar de serem valores com pouca importância na relação com os padrões familiares, os valores de tradicionalismo estão também mais associados à continuidade na perspectiva dos pais (62,5%) e mais associados à descontinuidade na perspectiva dos filhos (57,1%)<sup>23</sup>.

*“...acima de tudo, o respeito.” (S, filha)*

*“O valor que os meus pais me passaram que sei que é mesmo importante na minha vida, que sei que vai influenciar bastante a minha vida no futuro é, claramente, o valor da família: “ Ok, nós somos uma família e temos de nos manter unidos”. Isso é uma coisa muito presente nos meus pais e nos meus avós e, por acaso, eu acho que, em mim também é muito.” (A, filho)*

*“Para mim, é a honestidade. Eu acho que a pessoa tem de ser honesta no que faz, no que pensa, tem de ser honesta com ela. ... É um valor que eu tento sempre transmitir, que se tem de ser honesto.” (L, mãe)*

*“... é nesta procura do encontro da liberdade de cada um para consigo e ao mesmo tempo no saber lidar com os outros que está um jogo...” (L, mãe)*

As semelhanças intergeracionais encontradas na maior relevância dos valores relacionais, vem reforçar a ideia de que os valores relacionais e colectivistas estão mais associados à continuidade entre gerações (Phalet & Schönplflug, 2001; Hynie, Lalonde & Lee, 2006; Greenfield, 2009; Duarte, 2010). Contudo, pais e filhos têm visões

---

<sup>23</sup> Para visualizar o gráfico que expressa a relação entre as variáveis, ver o Apêndice XI, figura 7.

diferentes acerca da relação entre os valores, entre o equilíbrio pessoal e os padrões familiares. De acordo com os pais, estes promovem a autonomia e independência pessoal dos filhos, considerando-a como continuidade intergeracional. No entanto, os filhos consideram que a sua independência pessoal está associada às diferenças percebidas dos seus pais. Neste sentido, a adolescência, enquanto fase de construção da identidade e do *self* (Erikson, 1982; Zentner & Renaud, 2007), assim como as tarefas desenvolvimentais dos filhos e dos pais correspondentes a este ciclo vital da família (Alarcão, 2002; Steinberg & Silk, 2002) permitem compreender os diferentes pontos de vista neste processo.

### **3.3.2. Análise relacional dos padrões intergeracionais e circuitos familiares de interação**

- Quais são as principais semelhanças e diferenças entre pais e filhos na definição dos circuitos familiares de interação percebidos no processo de co-construção de valores, em função dos padrões familiares intergeracionais?

A partir da figura 2<sup>24</sup>, é possível verificar que ambos os grupos, filhos e pais, estabelecem uma forte associação entre os padrões intergeracionais e as fontes de co-construção, os sentidos da transmissão e as gerações envolvidas na transmissão. Destaca-se, assim, um bloco de relações muito relevantes para o processo de co-construção de valores. Apesar destas variáveis serem relevantes para os filhos e os pais, diferem na relação com os diferentes padrões intergeracionais, já que os filhos fazem mais associações com a continuidade e descontinuidade do que os pais, que referem maioritariamente a continuidade. Dada a relevância deste conjunto de variáveis que emergem em ambos os grupos e dadas as diferenças entre continuidade e descontinuidade associadas às mesmas, surge a necessidade de fazer uma análise comparativa mais específica, incluindo as subcategorias dentro de cada uma destas categorias superiores.

**Padrões intergeracionais x Fontes de co-construção** – A partir da relação entre os padrões familiares e as fontes de co-construção, verifica-se que a família é vista como tendo um papel predominante na continuidade entre gerações familiares, por filhos

---

<sup>24</sup> Para visualizar o gráfico que expressa a relação entre as variáveis, ver o *Apêndice XI, figura 2*.

(85%) e pais (73,2%). Contudo, a mesma está mais associada à descontinuidade no grupo de filhos (71,1%) do que no grupo dos pais (47,1%). Ou seja, os pais vêem a família apenas enquanto fonte de continuidade intergeracional, ao contrário dos filhos que percebem a família como fonte de continuidade e descontinuidade. A segunda fonte de transmissão com relação mais forte com os padrões familiares intergeracionais são as fontes sócio-culturais. Na relação entre estas variáveis, o padrão observado é inverso, já que a descontinuidade é referida mais vezes do que a continuidade, tanto nos pais (30,4% - 21,4%) como nos filhos (18,4% - 10%). Importa referir que as relações entre os padrões intergeracionais e outras fontes de co-construção de valores, casal e pares, contribuem para o processo de co-construção, apesar das referências a estas relações serem pouco relevantes<sup>25</sup>.

**Padrões intergeracionais x Gerações envolvidas** – Os pais e filhos são as principais gerações envolvidas no processo de co-construção de valores, em relação com a continuidade intergeracional, tanto na perspectiva dos filhos (50,6%) como dos pais (58,3%). Em função dos padrões intergeracionais, o contacto entre estas duas gerações está ligeiramente mais associado à continuidade (58, 5%) do que à descontinuidade, segundo os filhos. De acordo com os pais, a interacção entre estas gerações também tem uma maior relação com a continuidade (65,7%), do que com a descontinuidade. Outra interacção geracional relevante dá-se entre avós, pais e filhos, tanto para os filhos (35,8%) como para os pais (33,3%). No grupo dos filhos, a relação da geração avós, pais e filhos é aproximada entre continuidade (55,2%) e descontinuidade. Contudo, no grupo dos pais, há mais referências à relação com a continuidade (70%) do que com a descontinuidade<sup>26</sup>.

**Padrões intergeracionais x Sentido da transmissão** – O sentido de transmissão unidireccional pais-filhos é predominante segundo os filhos (85%) e segundo os pais (66,7%), notando-se um carácter quase exclusivo deste sentido de transmissão em relação aos outros. Analisando especificamente a relação entre este sentido de transmissão e os padrões intergeracionais, nota-se que os filhos estabelecem uma associação forte com a continuidade (56,9%) e a descontinuidade. Pelo contrário, os pais mostram dar mais relevância à continuidade (75%) em relação à descontinuidade.

<sup>25</sup> Para visualizar o gráfico que expressa a relação entre as variáveis, ver o *Apêndice XI, figura 8*.

<sup>26</sup> Para visualizar o gráfico que expressa a relação entre as variáveis, ver *Apêndice XI, figura 9*.

Tanto a continuidade, como a descontinuidade têm relações fracas com os outros sentidos de transmissão emergentes, no grupo dos filhos como no grupo dos pais<sup>27</sup>.

*“Acho que há quem faça coisas parecidas com o que os pais fizeram, acho que todos nós acabamos por o fazer um bocado, mais tarde ou mais cedo...” (L, filha)*

*“Eu noto muito que a minha mãe diz muito que sofreu muito com o meu avô e que ele era um pai... que ela teve muitos problemas. Mas noto que o tipo de coisas que ela se queixa são exactamente o tipo de coisas que ela me faz a mim sofrer... E sei que isso não é propósito, mas é engraçado notar isso.... Claro que, na altura, não é muito engraçado, mas... (risos) Sim, noto isso.” (L, filha)*

*“Eu acho que isto é exactamente assim reprodução...tal pai tal filho, tal mãe tal filha, eu como só tenho filhos não sei como vai ser a reprodução...” (I, mãe)*

Este conjunto de análises permite perceber que há uma forte concordância entre pais e filhos relativamente aos circuitos subjacentes ao processo de transmissão familiar. De acordo com a perspectiva de ambas as partes, a continuidade intergeracional ocorre principalmente por influência da família, enquanto fonte de co-construção de valores. No contexto familiar, destaca-se, especificamente, a interacção directa entre as gerações entre pais e filhos e a interacção indirecta entre avós, pais e filhos na relação entre a continuidade intergeracional, sendo que o principal sentido de transmissão é unidireccional de filhos para pais. Note-se, ainda, que, para os filhos, este processo unidireccional percebido contribui para as descontinuidades, destacando a importância da transmissão unidireccional para as descontinuidades intergeracionais, ao contrário do que seria esperado (ver Pinquart & Silbereisen, 2004). Estes resultados permitem compreender o grande peso da família e do papel dos pais, na construção de valores (e.g. Bengtson, Bilblarz & Roberts, 2002), o que reforça a importância e necessidade de uma análise mais específica às variáveis relacionadas com a relação pai-filho.

---

<sup>27</sup> Para visualizar o gráfico que expressa a relação entre as variáveis, ver o Apêndice XI, figura 10.

### 3.3.3. Análise relacional dos padrões intergeracionais e relação pai-filho

- Quais são as semelhanças e diferenças entre pais e filhos na identificação das principais características percebidas da relação pai-filho associadas à continuidade e descontinuidade dos padrões familiares intergeracionais?

A partir da análise do conjunto de resultados relacionados directamente com a parentalidade, emergem semelhanças e diferenças interessantes, entre pais e filhos, mostrando que as duas partes têm visões diferentes do mesmo processo. Desta forma, importa fazer uma análise mais profunda e específica da relação dos padrões familiares com as formas de transmissão, com o clima relacional e as circunstâncias de transmissão. Com base na análise da figura 2<sup>28</sup>, tanto os pais como filhos referem, de forma saliente, a relação entre a variável formas de transmissão e os padrões de continuidade, sugerindo a sua relevância. Contudo, na relação com os padrões intergeracionais, o clima relacional é referido de modo saliente pelos filhos, enquanto as condições de transmissão são referidas mais frequentemente pelos pais. Estas semelhanças e diferenças sugerem a necessidade de uma análise mais detalhada.

**Padrões intergeracionais x Formas de transmissão** – Na perspectiva dos filhos e dos pais, em função da relação com os padrões intergeracionais, verificam-se diferenças na relevância das diferentes formas de transmissão usadas e na referência à relação com a continuidade e com a descontinuidade. No grupo dos filhos, as formas de transmissão mais referidas, na relação com os padrões intergeracionais, são o diálogo (22,4%), a explicitação de princípios (19%) e a regulação comportamental (19%). Este padrão tem pontos em comum com o grupo dos pais, que referem mais vezes a modelagem (30,2%), a explicitação de princípios (17%) e o diálogo (15,1%). Na análise nos padrões familiares, os filhos referem de forma similar a continuidade (56,9%) e a descontinuidade. No entanto, os pais referem mais vezes a continuidade (69,8%) do que a descontinuidade, quando se referem às formas de transmissão usadas.

Centrando nas formas de transmissão específicas, o diálogo é visto pelos filhos como estando associado tanto à descontinuidade (53,8%) como à continuidade, e, pelos pais, como estando essencialmente associado à continuidade (75%). É relevante destacar, também, que os filhos dão relevância à regulação comportamental (19%) (tal

---

<sup>28</sup> Para visualizar o gráfico que expressa a relação entre as variáveis, ver o *Apêndice XI, figura 2*.

como já foi referido), associando-a à continuidade (54%) e à descontinuidade. De acordo com os pais (1,8%), esta forma de transmissão não é importante, representando apenas uma pequena parte das estratégias usadas. Ainda, a modelagem está fortemente relacionada com a continuidade geracional, tanto pelos pais (87,5%) como pelos filhos (85,7%) e neste sentido a contra-modelagem está associada à descontinuidade, por ambos os grupos<sup>29</sup>.

*“Pensei e fiquei chateado mas não lhe disse nada e ele mandou-me comprar uma coisa lá fora. Eu cheguei a casa e ele chegou ao pé de mim e pediu-me desculpa e eu fiquei... “afinal percebeste que eu fiquei chateado contigo” e ele “sim, mas não queria que ficasses por ter feito o que fiz” e depois eu perguntei-lhe “achas correcto o que tu fizeste? Tu mandaste embora duas pessoas por causa da cor”.” (J, filho)*

*“mas eu acho que aquilo de bom e de mau que nós fazemos é absorvido instintivamente pelos nossos filhos... essa transmissão de valores...” (AM, pai)*

*“...também não me lembro das coisas que a minha mãe me dizia, tens que ser desta maneira ou tens que ser daquela. Lembro-me do comportamento dela, da postura dela, como intervinha numa discussão entre irmãos, daquilo que dizia depois da discussão parar, por exemplo, e até terminar como ela sempre foi...sempre foi.” (M I, mãe)*

**Padrões intergeracionais x Clima relacional** – Com base na análise do número de referências observadas na figura 2<sup>30</sup>, a variável clima relacional mostra ser relevante para a continuidade e descontinuidade, familiar, principalmente, segundo a perspectiva dos filhos, pelo que a análise detalhada em função dos padrões familiares se centra apenas neste grupo. Nota-se uma tendência geral para associar o clima relacional à continuidade, tanto no grupo dos filhos (61,7%) como dos pais (64,7%), em comparação com a descontinuidade. De acordo com os filhos, a qualidade e investimento na relação é a variável mais relevante para a continuidade entre gerações (47,6%), e, ao mesmo tempo, está também fortemente associada à descontinuidade (46,2%). A identificação com o familiar é a segunda variável mais associada à

<sup>29</sup> Para visualizar o gráfico que expressa a relação entre as variáveis, ver o Apêndice XI, figura 11.

<sup>30</sup> Para visualizar o gráfico que expressa a relação entre as variáveis, ver o Apêndice XI, figura 2.

continuidade (23,8%) e à descontinuidade (23,1%). As outras subcategorias têm relações fracas com os padrões familiares<sup>31</sup>.

*“Não há assim muito mais a dizer, não é? Mas, para mim, vá... Para haver uma transmissão de valores de pais para filhos tem de haver trabalho entre os pais e entre os filhos... Ou melhor, tem de haver trabalho para a relação.” (A, filho)*

*“Os nossos pais vão-se adaptando à situação e às alturas. O teu pai, provavelmente, se estivesse contigo todos os dias e houvesse mais diálogo, se calhar também era como a tua mãe, também se ia adaptando a ti, também te ia conhecendo melhor...” (B, filha)*

*“...Estavam a cortar-nos a liberdade, coisa que nós não gostávamos, mas no final depois daquele momento procuravam sempre o afecto, o abraço, o beijinho, o proporcionar um momento de reaproximação em termos afectivos e eu penso que isso é uma coisa que ficou e que eu procuro também ser.” (A, mãe)*

*“...entre mim e o A. (filho) há aquilo que se parece as almas gémeas...somos muito parecidos...o F.... Se eu tenho mais a tendência artística disto ou daquilo o A. lá está comigo o A. é proactivo, posso dizer que o A. é o único em casa que me ajuda...” (I, mãe)*

**Padrões intergeracionais x Circunstâncias de transmissão** – As circunstâncias de transmissão são associadas aos padrões familiares, principalmente do ponto de vista dos pais, comparativamente com o dos filhos, como se pode observar na figura 2<sup>32</sup>. Especificamente, as características individuais (37,1%) e a situação de desacordo entre pais e filhos (31,4%), são consideradas pelos pais como as principais circunstâncias associadas à transmissão familiar de valores. Enquanto a primeira está mais associada à descontinuidade (61,5%), o desacordo está mais associado à continuidade (54,5%). As aprendizagens anteriores e as situações de incerteza e vulnerabilidade estão mais associadas à continuidade do que à descontinuidade. No grupo dos filhos, apesar de ser uma relação pouco relevante, salienta-se que a situação de incorreção está mais

<sup>31</sup> Para visualizar o gráfico que expressa a relação entre as variáveis, ver o Apêndice XI, figura 12.

<sup>32</sup> Para visualizar o gráfico que expressa a relação entre as variáveis, ver o Apêndice XI, figura 2.

associada à continuidade, por oposição ao grupo dos pais que não refere a relação entre a in correcção e os padrões intergeracionais<sup>33</sup>.

*“E eles percebem isto porque tem a ver com a minha personalidade e eles às vezes criticam-me muito "Mas porque é que não dizes agora? Porque é que não falas? Porque que ficas calada?".” (M I, mãe)*

A percepção dos filhos e dos pais acerca da sua relação no processo de co-construção de valores tem semelhanças, mas também diverge em alguns pontos. Relativamente às formas de transmissão, pais e filhos reconhecem a importância do diálogo e da explicitação de regras e princípios como essencial para o processo de transmissão familiar, especificamente para a continuidade, salientando a importância das mensagens e comunicações entre pais e filhos (Grusec & Goodnow, 1994; Pratt, Norris, Hebblethwaite & Arnold, 2008; Zentner & Renaud, 2007). Contudo, os pais consideram como mais relevante para a continuidade intergeracional a modelagem, ao contrário dos filhos, que estabelecem uma associação mais forte com a regulação do comportamento. Os pais reconhecem, assim, que a observação e imitação que os filhos fazem do seu comportamento, influencia a sua aprendizagem e, conseqüentemente, os seus valores (Bandura 1969). Também se encontram semelhanças e diferenças a nível das outras variáveis parentais.

Apesar do clima relacional ser mais relevante para os filhos do que para os pais, em função dos padrões familiares, ambos enfatizam a qualidade e investimento na relação como sendo uma variável essencial para a continuidade entre gerações, já que a qualidade da relação está associada ao sucesso das práticas educativas, à aceitação das mensagens parentais e neste sentido à transmissão familiar de valores (Bengtson et al., 2002; Grusec & Goodnow, 1994; Grusec et al., 2000). Assim, quando os pais dão suporte emocional e promovem uma relação afectiva e calorosa há maior tendência para a internalização dos valores, isto é continuidade (Grusec & Goodnow, 1994; Grusec et al., 2000).

No caso das circunstâncias de transmissão, é dada maior saliência pelos pais do que pelos filhos. Especificamente, relacionam a continuidade com o desacordo familiar e as características individuais com a descontinuidade intergeracional. Analisando estes

---

<sup>33</sup> Para visualizar o gráfico que expressa a relação entre as variáveis, ver o *Apêndice XI, figura 13*.

dados como um todo, tanto os pais como os filhos identificam as variáveis essenciais para a continuidade centrados na perspectiva da parentalidade, sendo que a relação entre estas permite compreender como pais e filhos caracterizam a relação pais-filho.

### 3.3.4. Análise relacional da caracterização da relação pai-filho

- Quais são as principais semelhanças e diferenças entre pais e filhos na caracterização da relação pai-filho percebida no processo de co-construção de valores, considerando a interação entre as diferentes dimensões parentais (formas de transmissão, clima relacional e circunstâncias de transmissão)?

Independentemente das variáveis parentais formas de transmissão, clima relacional e circunstâncias de transmissão estarem associadas aos padrões familiares, surge como necessário apresentar uma análise relacional entre as mesmas, pela sua estreita associação à parentalidade. Esta análise permitirá aprofundar e caracterizar os resultados apresentados anteriormente. Nestes foi visto que a família é considerada central, enquanto fonte de co-construção, especificamente através da interação entre as gerações pais-filhos e no sentido unidireccional de pais para filhos. Desta forma, surge como pertinente fazer análise dos resultados obtidos, em função das relações que se estabelecem entre as variáveis parentais referidas, formas de transmissão, clima relacional e circunstâncias de transmissão. Na análise seguinte, é possível perceber que a importância da relação parental é reforçada pela relevância que os filhos e os pais atribuem às formas de transmissão neste processo, como está explícito na análise exploratória<sup>34</sup>. Os resultados que se seguem não devem ser vistos enquanto redundantes das associações emergentes apresentadas anteriormente, mas sim como complemento e reforço das mesmas. Assim, a possível semelhança entre resultados permite-nos compreender a importância atribuída à família e à relação entre pais e filhos.

**Formas de transmissão x Clima relacional** – Esta relação é mais referida pelos pais (59%) do que pelos filhos (33%). Nesta relação, de acordo com os filhos, a principal forma de transmissão é o diálogo (39,4%), e a variável relacional mais associada às formas de transmissão é a qualidade e investimento na relação (39,4%). Esta última tem uma forte ligação com o diálogo (30,8%) e com a regulação comportamental (30,8%). No grupo dos pais, as formas de transmissão mais referidas são a modelagem (25,4%) e

---

<sup>34</sup> Para visualizar o gráfico que expressa a relação entre as variáveis, ver o *Apêndice XI, figura 2*.

o diálogo (20,3%). Tal como no grupo dos filhos, a variável relacional mais relevante é a qualidade e investimento na relação (50,8%). Destaca-se a importância da qualidade e investimento na relação (53,3%) e o suporte emocional (33,3%) na modelagem, bem como no diálogo (58,3% e 33,3%, respectivamente). Também se salienta a importância da qualidade da comunicação na discussão do assunto (66,7%). Apesar de ser mais fraca, também se nota uma relação entre o suporte emocional e o diálogo e explicitação de princípios e a modelagem<sup>35</sup>.

*“Tem de haver desejo, tanto dos pais, como dos filhos, de querer aprender e de querer falar – porque é a falar que se aprende e se transmite, não é? E... para haver esse desejo é preciso haver, desde sempre, empenho dos pais, desde o início da vida criança... Tem de haver o empenho dos pais, tem de haver o carinho, tem de haver tempo... É tudo isto, todos estes factores, que – se não houverem, pronto, falha logo tudo e a criança sai desvairada...” (A, filho)*

*Basicamente é isto, ela não usa palavras agressivas comigo. Não ralha comigo, podemos falar.” (J, filho)*

**Formas de transmissão x Circunstâncias de transmissão** – Esta relação também é marcada pelo maior número de referências dos pais, comparativamente com os filhos. No caso dos filhos, a situação de incorreção é a mais referida nesta relação (48,3%), destacando-se, em particular, a forte associação entre esta e a regulação comportamental (42,8%) e a explicitação de regras (28,6%). No grupo dos pais, as principais circunstâncias de transmissão associadas às formas de transmissão, são as características pessoais (22,5%) e o desacordo (21,6%). As associações que estes fazem são dispersas pelas diferentes variáveis, salientando-se as relações mais relevantes: a incorreção como principal circunstância associada à regulação do comportamento (57,1%) e o desacordo enquanto situação associada à discussão do assunto (58,3%). As outras relações entre as variáveis são mais fracas e pouco relevantes<sup>36</sup>.

<sup>35</sup> Para visualizar o gráfico que expressa a relação entre as variáveis, ver o Apêndice XI, figura 14.

<sup>36</sup> Para visualizar o gráfico que expressa a relação entre as variáveis, ver o Apêndice XI, figura 15.

*“Mas quando nós agimos incorrectamente segundo os valores que nos tentam a transmitir, acho que nos transmitem esses valores ao corrigir-nos e dizer-nos para não agir de determinada maneira” (P, filha)*

*“Se houver em vez de uma disciplina, um acompanhamento em que há um diálogo permanente entre pais e filhos e em que as dúvidas que ele tenha nós vamos esclarecendo... uma certa... não digo super-vigilância mas um olhar de acompanhamento a ver... se está tudo bem, deixa andar... se está mal, chamar a atenção sem ferir sentimentos de maneira a ir educando a personalidade dele e estarmos atentos a tudo.” (AM, pai)*

**Clima relacional x Circunstâncias de transmissão** – Nota-se que as associações referidas pelos filhos são fracas e pouco informativas. No caso dos pais, destaca-se que a variável relacional mais frequente nesta relação é a qualidade e investimento na relação (44,7%) e que a principal circunstância associada à transmissão de valores é a incerteza e vulnerabilidade (34,2%). Assim, é relevante destacar que os pais relacionam fortemente a situação de incerteza e vulnerabilidade à qualidade e investimento na relação (46,2%) e ao suporte emocional (38,4%), enquanto variáveis relacionais<sup>37</sup>.

*“Quando eles não dizem, quando não há... Eu procuro sempre... Quando vejo a carita ou vejo que estão demasiado calados ou que não contaram o dia ou que... É por isso que tem de haver sempre conversa, diálogo e partilha de dia-a-dia... Eu digo sempre “Dói-te alguma coisa, se precisares de um abraçinho, é só dizeres”. Digo-lhes isto desde pequeninos: “Se precisares de um beijinho ou abraçinho, vem dizer que a mamã pode estar distraída” – dizia-lhes em pequenitos... Às vezes estamos cansados, estamos tão cansadas que às vezes nos esquecemos e fazemos, às vezes, assim “Ah, agora não...”. Ainda hoje digo assim queres um abraçinho?” (M, mãe)*

*“...começam a ter o seu poder de análise e a ver numa balança o que é bom de um lado e o que é mau do outro...começam lentamente ou gradualmente. Vão-se direccionando na personalidade deles. A sensibilidade deles diz-lhes onde é que vão...” (AM, pai)*

---

<sup>37</sup> Para visualizar o gráfico que expressa a relação entre as variáveis, ver o Apêndice XI, figura 16.

Estes resultados confirmam os dados apresentados anteriormente e caracterizam de forma mais detalhada esta relação. De uma forma geral, pais e filhos relacionam as variáveis parentais com abrangência e complexidade. Segundo o ponto de vista dos filhos, há uma forte relação entre a qualidade e investimento na relação e o diálogo e a regulação do comportamento e, ao mesmo tempo, associam estas formas de transmissão às situações de incorrecção. Os pais consideram a importância da qualidade e investimento na relação na modelagem e no diálogo enquanto forma de transmissão. Relacionam também o suporte emocional com as situações de incerteza e vulnerabilidade. Os pais também salientam a relação entre o desacordo e a discussão de um assunto como variáveis que promovem a continuidade, o que está de acordo com a ideia que as interações e discussões podem promover o debate e partilha de ideias, promovendo a aceitação dos valores (Taris, Semin & Bok, 1998), pois quando é acompanhado por boa qualidade relacional, a relação não é percebida como conflituosa (Kerr, Capaldi, Pears & Owen, 2009).

Apesar das aparentes divergências entre pais e filhos na percepção das relações, existe uma grande semelhança que as envolve, a referência a dimensões relacionais e afectivas e a referência a dimensões de controlo e exigência. Deste modo, os resultados salientam, e permitem compreender, a importância percebida de um estilo parental autoritativo no processo de co-construção de valores (Pinquart & Silbereisen, 2004). A parentalidade autoritativa proporciona um ambiente familiar comunicativo e afectivo, favorecendo a transmissão e a continuidade de valores entre pais e filhos. É, assim, privilegiada a comunicação e a explicação, aos filhos, as regras e o porquê dos comportamentos parentais adoptados, sendo que comparativamente com os pais, as mães utilizam mais frequentemente uma linguagem explicativa com os filhos (Grusec & Goodnow, 1994).

### **3.3.5. Análise relacional padrões intergeracionais e aprendizagens individuais**

- Quais são as principais semelhanças e diferenças entre pais e filhos na identificação das aprendizagens individuais percebidas no processo de co-construção de valores, em função dos padrões familiares intergeracionais?

**Padrões intergeracionais x Aprendizagens individuais** – A partir da figura 2<sup>38</sup>, é possível perceber que os filhos estabelecem uma associação forte entre as aprendizagens individuais e os padrões intergeracionais, ao contrário dos pais, que fazem uma referência pouco expressiva a esta relação. Analisando especificamente a situação dos filhos, as aprendizagens individuais mais salientes são o sentido crítico (38,6%) e a aceitação dos valores familiares (31,3%). De uma forma global, os filhos associam as aprendizagens individuais tanto à descontinuidade intergeracional (54,2%) como à continuidade. É relevante destacar que o sentido crítico está fortemente associado à descontinuidade (65,6%), em relação à continuidade, e que a aceitação dos valores familiares tem uma relação muito forte com a continuidade (76,9%). Apesar de ser pouco referido, importa destacar que os pais associam as vivências e experiências à descontinuidade (63,6%) e associam a aceitação dos valores familiares à continuidade (81,8%)<sup>39</sup>.

*“Ele tenta transmitir-me coisas que eu quero ganhar sozinho. Ele está a tentar mudar a minha maneira de pensar e eu acho que já tenho idade para saber o que quero pensar e o que quero acreditar.” (J, filho)*

*“...A minha avó sempre ralhou muito e era muito rigorosa e a minha mãe tornou-se completamente o contrário, aprendeu que não era assim que gostava de ser educada e que não era assim que gostava de educar os filhos.” (P, filha)*

*“Acho que se fosse no meu caso, tinha feito exactamente a mesma coisa aos meus filhos.” (I, filha)*

Na perspectiva dos pais, não há uma relação forte entre as aprendizagens individuais e os padrões familiares, o que sugere que estes estão mais centrados no seu papel parental e na sua função de socialização (Alarcão, 2002). A relação que os adolescentes fazem entre o sentido crítico e a descontinuidade está de acordo com a fase da vida em que se encontram, a adolescência. As mudanças cognitivas, como a primazia da argumentação racional e a valorização da escolha pessoal, bem como a relativização e questionamento das normas sociais, morais e regras absolutas, está associado à

<sup>38</sup> Para visualizar o gráfico que expressa a relação entre as variáveis, ver o Apêndice XI, figura 2.

<sup>39</sup> Para visualizar o gráfico que expressa a relação entre as variáveis, ver o Apêndice XI, figura 17.

necessidade de maior responsabilidade, independência e liberdade. Assim, a procura da autonomia e independência e a procura do distanciamento do *self* em relação ao *self* dos pais, promovem que os jovens valorizem a descontinuidade intergeracional (Steinberg & Silk, 2002). Por outro lado, os jovens também dão relevância à aceitação parental, enquanto aprendizagem individual, o que mostra uma consciência da continuidade percebida e uma vontade de a manter. Neste caso, os filhos que reconhecem os valores dos pais como sendo adequados e correctos, estando mais motivados para os aceitar (ver Knafo & Assor, 2007).

### 3.3.6. Análise relacional da caracterização de fontes e fases de co-construção

- Quais são as principais semelhanças e diferenças entre pais e filhos na caracterização da relação percebida entre os valores emergentes, as fontes e as fases associadas ao processo de co-construção de valores?

Novamente, os resultados que se seguem servem como complemento e reforço de associações emergentes apresentadas anteriormente, em que se destaca a importância atribuída à relação entre os diferentes contextos ambientais, as diferentes fases de desenvolvimento e os valores emergentes.

**Fontes de co-construção x Valores Emergentes** – Esta relação foi fortemente salientada por pais e filhos, embora seja mais relevante para os pais do que para os filhos. A família é a principal fonte de co-construção de valores segundo os filhos (58,9%) e os pais (51,4%), para todas as categorias de valores. Os valores mais referidos nesta relação com as fontes de co-construção são os valores relacionais, para os filhos (28,7%) e para os pais (44,1%), e os valores de equilíbrio pessoal, segundo os filhos (20,8%) e segundo os pais (19,4%). É interessante notar que, de acordo com os filhos, na relação entre a família e os valores emergentes, esta é a principal fonte de co-construção de todos os valores destacando-se os valores relacionais (63,8%). De acordo com os pais, esta situação é semelhante, destacando-se a influência da família nos valores relacionais (51,2%). A única situação de excepção relativamente à predominância da influência da família dá-se nos valores de preocupação social, que os pais consideram que estão mais associados às fontes socio-culturais (69%).

No caso dos filhos, verifica-se que os pares (20,3%) e as fontes socio-culturais (20,8%) têm peso relativo semelhante. No entanto, os pais atribuem maior influência às

fontes socio-culturais (28,8%) do que aos pares (11,8%). A influência do casal enquanto fonte de transmissão, apenas está ligeiramente associada aos relatos dos pais<sup>40</sup>.

**Fases de co-construção x Valores emergentes** - A relação entre estas categorias fez emergir diferenças entre pais e filhos ao nível da principal fase de co-construção e os valores associados. De acordo com a perspectiva dos filhos, a adolescência (63,4%) é a fase mais privilegiada de co-construção de valores, seguida da infância (31,2%). Comparando com os pais, nota-se que estes também referem mais a adolescência (46,9%) do que a infância (40,7%). No grupo dos filhos, os valores relacionais são os mais associados à adolescência (29,7%), sendo, também, referida uma associação relevante com os valores de equilíbrio pessoal (18,8%) e de poder social (17,2%). Os principais valores associados à infância são os valores relacionais (40,6%) e os valores de equilíbrio pessoal (18,8%). No grupo dos pais, o padrão é semelhante, pois na adolescência os valores mais associados são igualmente os relacionais (44,7%) e os valores de equilíbrio pessoal (21,1%). A infância também tem uma forte associação com os valores relacionais (48,5%), e destaca-se, ainda, uma relação semelhante com o equilíbrio pessoal (15,2%) e a com realização pessoal (15,2%)<sup>41</sup>.

**Fases de co-construção x Fontes de co-construção** – A relação entre as fases e as fontes de co-construção permite evidenciar as fontes e as fases de co-construção que os filhos e os pais consideram mais relevantes no processo de co-construção de valores. Os filhos consideram que as fases mais relevantes são a adolescência (62,1%) e a infância (31,6%). Os pais têm uma visão semelhante, embora a diferença entre as estas fases de influência se esbata, já que a adolescência (44,4%) tem um peso relativo semelhante à infância (38,9%). De acordo com os filhos, a família é a principal fonte de co-construção na adolescência (50,8%) e na infância (70%). No entanto na perspectiva dos pais, a família perde o seu peso relativo na adolescência (43,8%) e é ainda menos influente na infância (35,7%). Relativamente às outras fontes de co-construção de valores, os filhos referem mais a influência dos pares (28,4%), ao contrário dos pais que referem mais a influência das fontes sócio-culturais (32,4%)<sup>42</sup>.

---

<sup>40</sup> Para visualizar o gráfico que expressa a relação entre as variáveis, ver o *Apêndice XI, figura 18*.

<sup>41</sup> Para visualizar o gráfico que expressa a relação entre as variáveis, ver o *Apêndice XI, figura 19*.

<sup>42</sup> Para visualizar o gráfico que expressa a relação entre as variáveis, ver o *Apêndice XI, figura 20*.

*“Eu acho que o que nós aprendemos dos nossos pais, ou da nossa família e daquele ambiente mais fechado em que somos criados até determinada altura. Depois é posto, é confrontado com a realidade que começamos a encontrar porque deixamos de estar tão centrados na nossa família, nos nossos pais e começamos a interessarmo-nos mais nos nossos amigos, nos pares. E é aí que, ao encontrar se calhar pessoas tão ... diferentes e com perspectivas tão diferentes... acho que aí é um momento em que pomos um bocado: “Então, espera aí... Porque é que eu penso assim?”. E tentamos enquadrarmo-nos no meio daquilo tudo e organizar as nossas ideias. E... Acho que aí que podemos tirar alguns valores, aí podemos começar a perceber: “Espera lá, nem toda a gente tem de ser assim, também se pode ser assim... ou sei lá”. Depois, a certa altura, começamos, da junção desses dois mundos – da família e dos pares – tiramos aquilo que vão ser os valores da nossa vida, acho eu.” (L, filha)*

*“No meu caso, eu acho que tudo o que eu sou é graças aos meus pais, não posso dizer que tenha tido muitas influências da sociedade, da escola, etc. Porque a mim, foi o que os meus pais me ensinaram, os meus valores.” (C, filha).*

*“Isso também tem a ver com as companhias, por exemplo, os meus pais podem transmitir-me muito bons valores, mas quando eu me dou com outra pessoa ... “ele pode influenciar-me e eu posso tornar-me uma pessoa sem quaisquer valores”, porque hoje em dia, nós os Homens somos muito dados por grupos, por influências e podemos achar que aquele é que está bem e que eu é que estou mal.” (B, filha)*

*“Eu também acho que tem a ver com a educação que ele teve e a vida que ele levou...” (AF, filha)*

*“Depois o trabalho, o valor do trabalho, portanto, isso é uma transmissão que fica, que a gente com o nosso exemplo profissional também vamos transmitindo...” (JB, pai)*

*“E tem a ver, realmente, com tudo o que é exterior à família, porque, pronto, são barreiras, não é? Porque não ter os mesmos valores ou não ter esses valores. E, muitas das vezes, os media também não têm uma acção formativa na transmissão dos valores para os miúdos. Atropelam tudo e mais alguma coisa...” (A, pai)*

A adolescência e a infância são consideradas, por pais e filhos, as principais fases de co-construção de valores, em que a família representa a principal fonte de co-construção neste processo, como tem sido referido ao longo deste capítulo. Os principais valores associados, tanto pelos pais como pelos filhos, às fontes e fases de co-construção são os valores relacionais e de equilíbrio pessoal. No entanto, na adolescência verifica-se maior diversidade de valores co-construídos, o que pode estar relacionado com a experimentação de novos papéis e o contacto com novos padrões de funcionamento (Erikson, 1982). Relativamente às fontes de co-construção exteriores, os jovens enfatizam mais a influência dos pares na adolescência, já que estes assumem um papel relevante na construção da identidade, ao estabelecer um processo de co-construção de valores, reciprocidade simétrica em função da semelhança hierárquica (Bugental & Goodnow, 1998). A relevância que os pais atribuem aos valores sócio-culturais parece reflectir a sua preocupação da influência dos agentes de comunicação nos seus filhos, desde a infância, considerando como um factor que prejudica os valores que querem transmitir aos seus filhos.

### **Conclusão**

Este projecto de investigação procurou demonstrar a grande complexidade subjacente ao processo de co-construção de valores a partir das percepções de pais e filhos sobre o processo. Através da partilha e discussão de ideias nos *focus group*, surgiram diversas opiniões, histórias, momentos de reflexão e questionamentos acerca dos assuntos emergentes, o que permitiu alcançar uma grande diversidade de conhecimento e experiências acerca do processo de co-construção de valores e das significações e valores associados. Desta forma, podemos concluir que os pais e filhos da nossa amostra percebem este processo como complexo, e envolvendo inúmeras variáveis e relações.

A partir da análise dos padrões intergeracionais familiares, continuidade e descontinuidade entre gerações, foram salientadas as principais variáveis que pais e filhos consideram mais importantes no processo de co-construção de valores e a forma como caracterizam a relação entre as mesmas. A apresentação e reflexão dos resultados, fez emergir, ainda, as semelhanças e diferenças entre pais e filhos, e destacou as semelhanças e diferenças associadas à continuidade e descontinuidade das variáveis. Desta forma os resultados apresentados contribuíram individualmente, e no seu conjunto, para uma melhor compreensão do processo de co-construção de valores.

***Adolescência - fundamental do cronossistema do microsistema***

Com base nas fases de co-construção, é possível perceber que o *cronossistema* familiar, enquanto fase do desenvolvimento ontogénico do indivíduo e do desenvolvimento do ciclo vital da família é uma variável, pouco relevante na relação com os padrões familiares. No entanto, quando analisada mais especificamente, permite compreender que a principal fase no processo de co-construção de valores é a adolescência, e a segunda mais importante é a infância. Contudo, segundo o ponto de vista de pais e filhos, ambas as fases estão associadas a uma grande influência da família. Destaque-se, ainda, que o papel percebido de fontes de socialização como os pares, influentes no desenvolvimento sócio-cognitivo dos adolescentes (Steinberg, & Silk, 2002), não é percebido como relevante no processo de co-construção de valores.

***Relevância do Microsistema – A relação entre pais e filhos***

Com base no modelo conceptual de referência apresentado<sup>43</sup>, construído à luz do modelo de Bronfenbrenner (1979), é possível compreender, numa perspectiva teórica, este processo de co-construção dos valores como estando centrado no *microsistema*, segundo a perspectiva dos pais e dos filhos. Tal como era previsto a partir da base conceptual apresentada, também nas relações emergentes, se destaca o carácter fundamental da família e especificamente, o papel do subsistema parental como motor da transmissão intergeracional de valores de pais para filhos (e.g. Pinquart & Silbereisen, 2004).

De acordo com pais e filhos, a co-construção intergeracional de valores está associada às formas de transmissão na família, principalmente percebidas como práticas educativas, associadas à continuidade intergeracional. No entanto, os pais salientam mais a associação entre as circunstâncias de transmissão e os padrões intergeracionais, enquanto os filhos valorizam mais o clima relacional, principalmente a qualidade e investimento na relação. Estas diferenças sugerem que os pais assumem o seu papel parental de forma funcional e pragmática, em que as estratégias de transmissão estão associadas às condições que proporcionam os momentos de disciplina e de educação (Grusec & Goodnow, 1994). Por outro lado, a relevância do clima relacional percebida pelos filhos sugere que os adolescentes compreendem a transmissão de valores, com base numa perspectiva relacional afectiva. A partir das diferenças observadas, salienta-

---

<sup>43</sup> Ver no capítulo 2. *Processo metodológico*

se o nível de abstracção e de metacompreensão da comunicação, em que os pais estão mais centrados nos aspectos concretos da educação e os filhos vêem a relação numa perspectiva mais abstracta que apreende os aspectos implícitos e de metacomunicação da mesma (ver Watzlawick, Beavin & Jackson, 2004).

Aparte as concordâncias e discordâncias entre pais e filhos sobre a relação parental, com base no discurso de ambos os grupos, emerge a noção de parentalidade construtiva ou autoritativa (e.g. Baumrind, 1971), que concilia a regulação do comportamento e a modelagem num sentido comportamental e privilegia o diálogo e a discussão dos assuntos num sentido comunicacional, explicitação de regras e de princípios. Nesta visão global, também são reconhecidas as situações em que os filhos estão incorrectos ou em situações de incerteza e vulnerabilidade, os aspectos de investimento afectivo e a qualidade da relação, como essenciais para a transmissão intergeracional de valores na família. Apesar do estilo autoritativo (Baumrind, 1971) estar associado a uma comunicação bidireccional, esta é pouco reconhecida para ambas as partes, embora seja referida, pelos pais e pelos filhos, o que nos leva a questionar a importância da comunicação e a própria definição de comunicação bidireccional numa relação que se espera que seja complementar e não simétrica (Alarcão, 2002).

### ***Comunicação na relação parental***

A continuidade de valores na família pode ser considerada como eficácia na transmissão familiar de valores e como eficácia das práticas parentais (Grusec & Goodnow, 1994), o que é suportado com base nos resultados analisados acima. Contudo, é possível compreender, mais aprofundadamente, esta continuidade através da eficácia da comunicação entre pais e filhos. A percepção da transmissão familiar no sentido unidireccional de pais para filhos permite compreender a complementaridade hierárquica da relação entre pais e filhos, isto é, em que os pais estão no topo da hierarquia e os filhos estão na base (Minuchin & Fishman, 1990). A diferença de poder percebida por pais e filhos destaca que as regras de funcionamento cognitivo, afectivo e comportamental são eficazmente transmitidas pelos pais e percebidas pelos filhos (Alarcão, 2002). Estes *padrões transaccionais*, regulam de forma implícita as trocas entre os indivíduos e esclarecem o papel e posição de cada um (Minuchin & Fishman, 1990) estão na base da compreensão da relação entre pais e filhos. Assim, o domínio da autoridade parental e do seu poder sobre as aprendizagens por filhos é reconhecido tanto por filhos, como por pais.

Também a concordância, entre pais e filhos, acerca da relevância da aceitação dos valores familiares na continuidade intergeracional permite compreender o processo de co-construção de valores, especificamente o processo de transmissão familiar na família, à luz de uma perspectiva comunicacional (ver Watzlawick, Beavin & Jackson, 2004). Considerando que a transmissão de valores implica a compreensão dos valores dos pais enquanto reais ou irreais, em função da realidade que os rodeia, e a posterior aceitação dos mesmos (Grusec & Goodnow, 1994), as relações emergentes sugerem que um processo semelhante na transmissão dos valores na família. Os filhos percebem os valores dos pais como sendo valores reais – valores presentes na sociedade com que contactam – e úteis – valores que permitem compreender as situações com que se deparam e guiar o seu comportamento na forma como lidam com as mesmas. De outra forma, o self ideal dos pais é transmitido para os filhos, passando a constituir o seu self real (Zentner & Renaud, 2007). Importa, ainda, salientar que os filhos também associam a aceitação dos valores familiares à descontinuidade intergeracional, o que contribui para a compreensão da complexidade deste processo. A partir desta relação, compreende-se que os filhos podem usar os valores familiares como referencial de observação e comparação dos valores da sociedade. Esta reflexão, implica a elaboração e construção dos próprios valores do adolescente, o que explica descontinuidade entre pais e filhos.

### ***Relação de complementaridade - Movimentos centrípetos e centrífugos***

Com o propósito de contextualizar o processo de co-construção, importa salientar que os principais valores emergentes, no discurso dos filhos e dos pais, são os valores relacionais e os valores de equilíbrio pessoal. O grande peso destes valores na vida dos indivíduos e das famílias está presente nas fortes relações que estabelecem com as variáveis em estudo, mostrando a sua transversalidade e relevância nas diversas áreas da vida. A semelhança na continuidade intergeracional dos valores relacionais de pais e filhos contrasta com a diferença relativamente aos valores de equilíbrio pessoal, já que a continuidade referida pelos pais é oposta à descontinuidade referida pelos filhos.

Especificamente, as descontinuidades intergeracionais, salientes na relação com os valores de equilíbrio pessoal, são caracterizadas pela independência e autonomia de pensamento, características da adolescência (Steinberg & Silk, 2002). Esta relação é apoiada pela associação entre a descontinuidade familiar e as suas aprendizagens individuais, especificamente o sentido crítico. Este é visto pelos adolescentes como

sendo essencial para o afastamento em relação à família e conseqüentemente para a experimentação de diversos papéis na sociedade, construindo assim a sua identidade, isto é, começando a construir o seu self ideal (Erikson, 1982; Steinberg & Silk, 2002). De acordo com a fase de desenvolvimento dos filhos (adolescência), espera-se que estes se conheçam e conheçam o mundo através de movimentos centrífugos em relação à família. Ou seja, a partir das novas competências de abstracção, elaboração, análise e reflexão; e do maior contacto com pares e conseqüentemente com outras realidades (Steinberg & Silk, 2002), os adolescentes conseguem ver a sua família com um referencial interno, baseado nos valores da própria família, e com um referencial externo, a partir de outras ideias de família presentes na sociedade.

A comparação da perspectiva dos filhos com a dos pais, em que não é reconhecida a importância do sentido crítico para os padrões intergeracionais na família, contribui para a compreensão das diferentes percepções deste processo. Neste sentido, os pais consideram que as aprendizagens individuais são pouco relevantes, salientando, principalmente a aceitação dos valores parentais. Assim, a percepção dos pais sobre o processo de co-construção dos valores dos filhos, sugere que os pais estão mais centrados em si e no seu papel parental. Ou seja, os pais percebem a família, essencialmente, com um referencial interno, isto é, a própria família. A dificuldade de descentração e de crítica ao seu papel são expressos através de movimentos centrípetos que conduzem ao sentido oposto ao movimento para o exterior dos filhos. Por outras palavras, os valores dos pais, de união e manutenção da família, parecem ser incompatíveis com os valores presentes na sociedade, pelo que o questionamento expresso do seu papel parental é em si uma ameaça à posição que ocupam a relação. No entanto, sugere que o questionamento existe, mas a nível interno, o que explica os movimentos centrípetos dos pais.

### ***Macrossistema e Cronossistema sociais***

Alargando a análise às variáveis do *macrossistema*<sup>44</sup> e do *cronossistema* social<sup>45</sup> - fontes de transmissão exteriores à família, mudança da sociedade e os factores associados - é apoiada a ideia da família que pais e filhos estabelecem uma relação pouco relevante das mesmas com os padrões familiares, sugerindo que são variáveis pouco relevantes para o processo de co-construção de valores, percebido pelos

---

<sup>44</sup> De acordo com o mapa conceptual deste estudo, ver capítulo 2. *Processo metodológico*.

<sup>45</sup> De acordo com o mapa conceptual deste estudo, ver capítulo 2. *Processo metodológico*.

indivíduos. Desta forma, é possível compreender estes resultados, considerando que o *macrossistema* é percebido como tendo menos influência na continuidade e descontinuidade dos valores na família.

Apesar de não ser estabelecida uma relação entre as variáveis exteriores ao *microssistema*, os indivíduos identificam a mudança da sociedade como sendo uma mudança que os afecta indirectamente, concebendo as alterações de valores principalmente ao nível da hierarquia e importância dos mesmos e nas formas de transmissão, sendo que a distância intergeracional e a necessidade de adaptação dos valores às mudanças que ocorrem na sociedade são os principais factores subjacentes a estas mudanças. Embora a influência de outras fontes de co-construção não seja muito enfatizada por ambos os grupos, os filhos sentem a influência dos pais na co-construção dos seus valores, enquanto os pais consideram que a principal barreira à sua transmissão de valores para os filhos são as fontes sócio-culturais.

### ***Hipótese sistémica***

Estes resultados e reflexões permitem levantar hipóteses sistémicas relativamente ao processo de co-construção de valores na família. Estes movimentos centrípetos dos pais, em oposição aos comportamentos centrífugos dos filhos, podem ser percebidos como uma mudança de primeira ordem, uma mudança do sistema em que há uma tentativa de minimização ou anulação das perturbações exercidas pelo meio e pelo subsistema filial. Através de mecanismos de *feedback* negativo, a família, neste caso os pais, procuram manter a situação anterior, numa tentativa de reencontrar a homeostase, isto é, dá-se uma mudança do sistema, morfoestase (Alarcão, 2002; Jones, 2004).

De modo a realizar as tarefas comportamentais desta fase do ciclo vital da família, é necessário que os pais reconheçam e aceitem a necessidade dos filhos de exploração do mundo exterior à família, assim como as suas novas competências e capacidades dos filhos, de análise e reflexão sobre esse mundo. É também fundamental que os pais compreendam que a procura de novas realidades e construção de uma identidade pessoal não significam uma exclusão da família. Esta nova identidade que se constrói não representa a rejeição do papel parental, nem da relação afectiva com os pais, mas sim uma integração dos valores da família e dos valores da sociedade (Alarcão, 2002; Steinberg & Silk, 2002).

Este movimento de aceitação dos pais é, assim, o passo fundamental para construir uma mudança qualitativa no sistema (morfogénese), isto é, uma mudança de segunda ordem, em que se busca um novo equilíbrio, através de feedback positivo. Destaca-se ainda que esta mudança valoriza o diálogo e a construção de novas perspectivas, em que o questionamento de papéis é visto como positivo. A família experiencia a adolescência como uma oportunidade de crescimento e desenvolvimento nos seus elementos individualmente, nas relações que estabelecem entre si e no sistema familiar, na sua totalidade, circularidade e complexidade sistémicas (Alarcão, 2002; Jones, 2004).

### **Implicações clínicas**

As reflexões que este estudo proporciona salientam a importância da adolescência enquanto fase central na co-construção de valores e a família como a principal fonte de co-construção neste processo. Neste sentido, é pertinente investir na comunicação entre pais e filhos, no reconhecimento das competências dos filhos e da sua abertura para o exterior e ainda, promover a partilha de ideias de modo a pais e filhos conheçam a forma como percebem o processo de co-construção de valores. Assim, para além de promover um ambiente relacional e familiar com qualidade, percebida pelos elementos da família, salienta-se a relevância de construir novas significações acerca do processo de co-construção de valores. Por outras palavras, o presente trabalho poderá contribuir para uma intervenção, em famílias com filhos adolescentes, centrada na construção de uma oportunidade de crescimento e desenvolvimento da família e dos seus elementos, em que pais e filhos têm consciência do impacto que os adolescentes têm na família, através do seu contacto com o exterior e com novas realidades.

### **Limitações do estudo**

Dada a ambição de alcançar a riqueza e complexidade do processo de co-construção de valores sob uma lente sistémica, foram tomadas decisões teóricas e metodológicas, que implicaram uma análise abrangente e extensa da teoria e dos dados, que, no âmbito deste trabalho, não puderam ser exploradas em toda a sua profundidade. Esta é uma limitação inerente ao objectivo de investigação proposto e ao cariz exploratório do estudo. No entanto, este aspecto pode ser considerado como um guia que permite reflectir numa perspectiva de obtenção de riqueza e profundidade,

subjacentes a um processo de investigação que implica explorar as possíveis variáveis emergentes e tocar a complexidade de relações subjacentes ao processo de co-construção de valores. Especificamente, procurou-se evidenciar e explorar as principais relações entre as variáveis emergentes das percepções de pais e filhos sobre o processo de co-construção de valores, assim, e de acordo com uma primeira abordagem exploratória teórica e metodológica, a presente investigação não apresenta um aprofundamento exaustivo de todas as relações específicas entre as variáveis emergentes.

### **Estudos futuros**

A apresentação dos dados ficou aquém da riqueza e profundidade que emergiu ao longo do processo metodológico desta investigação, ou seja, a extensão de resultados não se limita a este estudo. Foram salientadas as relações mais relevantes de acordo com as bases e objectivos teóricos e com base nas percepções da amostra, os filhos e pais que participaram neste estudo. Contudo, este projecto de investigação não se esgota com as reflexões e conclusões obtidas, emergindo o interesse para estudos futuros, por exemplo, comparar as percepções de pais e filhos acerca das diferenças na transmissão e nos critérios subjacentes às mesmas.

Pensando no desenvolvimento e crescimento deste projecto, pode-se considerar a inclusão da terceira geração, os avós, enquanto amostra para os *focus group*, de modo a aceder ao discurso directo destes. Pode-se pensar também no desenvolvimento de questões mais directas sobre a influência da terceira geração no processo, sobre as significações e conceptualização de valores, e sobre as fontes e fases do processo de co-construção. Outro aspecto interessante e enriquecedor seria a recolha de uma amostra mais heterogénea, que buscasse experiências diferentes, em que um dos critérios de selecção da amostra fosse, por exemplo, a etnia, religião, país de origem que não Portugal. Surge, ainda, a ideia da construção de dois tipos de guiões de *focus group* diferentes, um centrado no processo de co-construção como um todo, que envolvesse as diferentes variáveis e a forma como influenciam; e, outro, que enfatizasse a relação intergeracional familiar e a comunicação, directa ou indirecta, entre pais e filhos.

Concluindo, espera-se que este trabalho contribua para o desvendar da malha que envolve a compreensão do processo de co-construção intergeracional de valores, entre pais e filhos. Numa perspectiva clínica sistémica, espera-se, assim, o desenlear dos fios das relações entre pais e filhos, na fase tão intensa que é a adolescência.

*“Através do teu coração passou um barco  
Que não pára de seguir sem ti o seu caminho”*

Sophia deMello Breyner Andresen,  
*in Navegações*

**Referências**

- Alarcão, M. (2002). (Des)equilíbrios familiares: Uma visão sistémica. Coimbra: Quarteto Editora.
- Bandura, A. (1969). Social learning theory of identificatory processes. In Goslin, D. A. (Ed.), *Handbook of socialization theory and research*. Chicago: Rand McNally College Publishing Company.
- Baumrind D. (1971). Current Patterns of Parental Authority. *Developmental Psychology Monograph*, 4(1), 1-103.
- Bengston, V. L., Biblarz, T. J. & Roberts, R. E. L. (2002). *How families still matter: A longitudinal study of youth in two generations*. New York: Cambridge University Press.
- Bronfenbrenner, U. (1979). *The ecology of human development: Experiments by nature and design*. Cambridge: Harvard University.
- Bronfenbrenner, U. (1995). Developmental Ecology Through Space and Time: A Future Perspective. In Moen, P., Elder, G. & Lüscher, K. (Ed.), *Examining lives in context: Perspectives on the ecology of human development*. (pp 619-647). Washington, DC: American Psychological Association.
- Bugental, D., & Goodnow, J. (1998). Socialization processes. In W. Damon, & N. Eisenberg (Eds.), *Handbook of child psychology: Social, emotional, and personality development* (Vol. 3, pp. 389-462). New York: John Wiley & Sons.
- Campbell, J. & Gilmore, L. (2007). Intergenerational continuities and discontinuities in parenting styles. *Australian Journal of Psychology*, 59(3), 140-150.
- Charmaz, K. (2006). *Constructing Grounded Theory: A practical guide through qualitative analysis*. London: Sage.
- Clarke, A. E. (2005). Situational analysis: *Grounded Theory* after de postmodern turn. Thousand Oaks: Sage.
- Conger, R. D., Belsky, J. & Capaldi, D. M. (2009). The Intergenerational Transmission of Parenting: Closing Comments for the Special Section. *Developmental Psychology*, 45(5), 1276 -1283.
- Cowan, P. A. & Cowan, C. P. (2009). Couple relationships: A missing link between adult attachment and children's outcomes. *Attachment & Human Development*, 11(1), 1-4.

- Erikson, E. H. (1982). *The life cycle completed: A review*. New York : W. W. Norton & Company.
- Flick, U. (2005). *Métodos qualitativos na investigação Científica* (A. M. Parreira, Trad). Lisboa: Monitor. (Obra original publicada em 2002).
- Glaser, B. G. & Strauss, A. L. (2009). *The discovery of Grounded Theory: Strategies for qualitative research* (4<sup>th</sup> ed.). New Brunswick: Aldine Transaction.
- Greenfield P. M. (2009). Linking social change and developmental change: Shifting pathways of human development. *Developmental Psychology*, 45(2), 401-418.
- Grusec, J. E. & Goodnow, J. J. (1994). Impact of parental discipline methods on the child's internalization of values: A reconceptualization of current points of view. *Developmental Psychology*, 30(1), 4-19.
- Grusec, J. E., Goodnow, J.J. & Kuczynski, L. (2000). New directions in analyses of parenting contributions to children's acquisition of values. *Child Development*, 71(1), 205-211.
- Guba, E. G. & Lincoln, Y. S. (1989). *Fourth generation evaluation*. California: Sage.
- Guba, E. G. & Lincoln, Y. S. (2000). Competing Paradigms in Qualitative Research. In N. K. Denzin & Y. S. Lincoln (Eds.). *Handbook of qualitative research* (2th ed.) (105-117). Thousand Oaks: Sage.
- Hynie, M., Lalonde, R. N. & Lee, N.S. (2006). Parent-child value transmission among chinese immigrants to North America: The case of traditional mate preferences. *Cultural Diversity and Ethnic Minority Psychology*, 12(2), 230-244.
- Jones, E. (2004). *Terapia dos sistemas familiares: Desenvolvimentos nas terapias sistémicas da Escola de Milão* (F. Andersen, Trad.). Lisboa: Climepsi Editores (Obra original publicada em 1994).
- Kagitçibasi, Ç. K. U. (1996). The autonomous-relational self: A new synthesis. *European Psychologist*, 1(3), 180-186.
- Kerr, D.C., Capaldi, D.M., Pears, K.C. & Owen, L.D. (2009). A prospective three generational study of fathers' constructive parenting: Influences from family of origin, adolescent adjustment, and offspring temperament. *Developmental Psychology*, 45(5), 1257-1275.
- Kitzinger, J. (1995). Qualitative Research: Introducing *focus group*. *British Medical Journal*, 311, 299-302.

- Knafo, A. & Assor, A. (2007). Motivation for agreement with parental values: desirable when autonomous, problematic when controlled. *Motivation and Emotion* (31), 232-245.
- Kohn, M. L., Slomczynski, K. M. & Schoenbach, C. (1986). Social stratification and the transmission of values in family: A cross-national assesment. *Sociological Forum*, 1(1), 73-102.
- Krueger, R. A. (1998). Moderating *focus groups* (Vol. 4). In D. L. Morgan & R. A. Kreuger (Eds.). *The focus group kit*. Thousand Oaks: Sage.
- Kwak, K. (2003). Adolescents and their parents: A review of intergenerational family relations for immigrant and non-Immigrant families. *Human Development*, 6, 115-136.
- Menezes, I., Costa, M., & Campos, B. (1989). Valores de estudantes universitários. *Cadernos de Consulta Psicológica*, 5, 53-68.
- Minuchin, S. & Fishman, C.H. (1990). *Técnicas de terapia familiar*. Porto Alegre: Artes Médicas. (Obra original publicada em 1981).Morgan, D. L. (1996). *Focus group*. *Annual Review Sociology*, 22, 129-152.
- Morin, E. (1999). Por uma reforma do pensamento. In Pena-Veja, A. & Nascimento, E. P. (Ed.), *O pensar complexo: Edgar Morin e a crise da modernidade* (pp 21-34). Rio de Janeiro: Garamond Editora Ltda.
- Parsons, T. (1955). Family structure and the socialization of the child. In Parsons, T. & Bales, R. F. (Ed.), *Family socialization and interaction process*. New York: The Free Press.
- Patterson, G.R. (1998). Continuities-A search for causal mechanisms: Comment on the special section. *Developmental Psychology*, 34(6), 1263-1268.
- Patton, M. Q. (1990). *Qualitative evaluation and research methods* (2th ed.). California: Sage.
- Peterson, B. E. (2006). Generativity and successful parenting: An analysis of young adult outcomes. *Journal of Personality*, 74(3), 847-869.
- Phalet, K. and Schönplflug, U. (2001) 'Intergenerational Transmission in Turkish Immigrant Families: Parental Collectivism, Achievement Values, and Gender Differences', *Journal of Comparative Family Studies* 32.4: 489-504
- Pinquart, M. & Silbereisen, R. K. (2004). Transmission of values from adolescents to their parents: The role of values content and authoritative parenting. *Adolescence*, 39(153), 83-100.

- Pratt, M. W., Norris, J. E., Hebblethwaite, S. & Arnold, M. L. (2008). Intergenerational transmission of values: Family generativity and adolescents' narratives of parent and grandparent value teaching. *Journal of Personality*, 76(29), 171-198.
- Schönplflug, U. (2001). Intergenerational transmission of values: The role of transmission belts. *Journal of Cross-Cultural Psychology*, 32, 174-185.
- Schwandt, T. A. (2000). Constructivist, interpretivist approaches to human inquiry. In N. K. Denzin & Y. S. Lincoln (Eds.). *Handbook of qualitative research* (2th ed.) (118-137). Thousand Oaks: Sage.
- Schwartz, S. H., & Rubel, T. (2005). Sex differences in value priorities: cross-cultural and multimethod studies. *Journal of personality and social psychology*, 89(6), 1010-28.
- Steinberg, L. & Silk, J. S. (2002). Parenting Adolescents. In Bornstein, M. H. (Ed.), *Handbook of parenting: Children and parenting (Vol 1)* (pp 103-129). New Jersey: Lawrence Erlbaum Associates, Inc.
- Strauss, A. & Corbin, J. (2000). *Grounded Theory Methodology*. In N. K. Denzin & Y. S. Lincoln (Eds.). *Handbook of qualitative research* (2th ed.) (273-285). Thousand Oaks: Sage.
- Strauss, A. & Corbin, J. (2008). *Basics of qualitative research: Techniques and procedures for developing Grounded Theory* (3th ed.). Thousand Oaks: Sage.
- Tadros, M. (2009). Disrupting pathways of intergenerational transmissions of gender ideology and Practice. *IDS Bulletin*, 40(1), 77-86.
- Taris, T. W., Semin, G. R. & Bok, I. A. (1998). The effect of quality of family interaction and intergenerational transmission of values on sexual permissiveness. *Journal of Genetic Psychology*, 159, 237-50.
- Watzlawick, P., Beavin, J. & Jackson, D. (2004). *Pragmática da comunicação humana: Um estudo dos padrões, patologias, e paradoxos da interacção*. (A. Cabral, Trad.). São Paulo: Cultrix. (Obra original publicada em 1967).
- Yi, C., Chang, C. & Chang, Y. (2004). The intergenerational transmission of family values: A comparison between teenagers and parents in Taiwan. *Journal of Comparative Family Studies*, 35(4), 523-545.
- Zentner, M. & Renaud, O. (2007). Origins of adolescents' ideal self: An intergenerational perspective. *Journal of Personality and Social Psychology*, 92(3), 557-574.